



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

GABRIEL DE MOURA CAVALCANTI

**REFLEXÕES DE BIFO PARA UM PRESENTE SEM FUTURO: Aceleração,
modernidade tardia e melancolia de esquerda.**

RECIFE

2025

GABRIEL DE MOURA CAVALCANTI

**REFLEXÕES DE BIFO PARA UM PRESENTE SEM FUTURO: Aceleração,
modernidade tardia e melancolia de esquerda.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História. Linha de pesquisa Saberes Históricos: Ensino, Teoria e Mídia.

Orientador (a): Dr. Raphael Guazzelli Valerio

Recife

2025

Cavalcanti, Gabriel de Moura.

Reflexões de Bifo para um presente sem futuro: aceleração, modernidade tardia e melancolia de esquerda / Gabriel de Moura Cavalcanti. - Recife, 2025.

89f.: il.

Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas - CFCH, Programa de pós-Graduação em História, 2025.

Orientação: Raphael Guazzelli Valerio.

1. Franco Berardi; 2. Modernidade tardia; 3. Marxismo ocidental; 4. Aceleração social; 5. Operaísmo; 6. Autonomia italiana. I. Valerio, Raphael Guazzelli. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

Gabriel de Moura Cavalcanti

REFLEXÕES DE BIFO PARA UM PRESENTE SEM FUTURO: Aceleração,
modernidade tardia e melancolia de esquerda

Dissertação apresentada ao **Programa de Pós-Graduação em História** da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em História**.

Aprovado em: **01/08/2025**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Raphael Guazzelli Valerio

Orientador (Universidade Federal de Pernambuco)

Prof. Dr. Daniel Alvares Rodrigues

Membro Titular Externo (Universidade Federal de Pernambuco)

Prof. Dr. Renan Holanda Montenegro

Membro Titular Externo (Universidade Federal de Pernambuco)

AGRADECIMENTOS

Gostaria a agradecer aos amigos do GPAH e da minha graduação e mestrado, Petros, Roberto, Agostinho, Jorge, Paulo, Cláudio, Maria Clara, Guilherme, Danilo, Matteo, Higor Renan, e todos os demais não citados. Queria agradecer aos meus pais por ser minha base durante toda esta caminhada. Agradecer a minha companheira Anna, que me acompanhou no processo de escrita. Agradecer ao meu orientador, Raphael Guazzelli e também a Leonardo Reis.

Gostaria de agradecer especialmente ao avaliador da qualificação Vinicius Nicastro Honesko, pois veio dele a sugestão de fazer uma genealogia do pensamento de Berardi e essa sugestão mudou o rumo da pesquisa. Igualmente às contribuições de Renan Holanda, tanto na qualificação quanto no texto final, e ao professor Daniel Rodrigues.

Por fim, reforçar a importância da bolsa de pesquisa para a realização do mestrado, agradecer a Fundação de Amparo a Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco. A bolsa tornou possível a aquisição de bons livros sobre o operaísmo e pós-operaísmo, teoria da história, viagem para congresso como a AnpuH. O incentivo a pesquisa e a ciência são pilares para a construção de outro futuro.

Mama olha eu no futuro
Mandando um abraço
Pelo *cyberespaço*
Mama, eu não faço mais besteira
Tá tudo mudado
Eu virei
Vagabundo globalizado
Mama, eu tô virado,
Eu virei...
[..]
No futuro a onda é diferente
Mas tem miséria igual
Tem solidão também
Minha janela dá prum céu escuro
Mas aqui é o futuro
(Eu no futuro. Lula Queiroga. Aboiando a vaca mecânica. Recife, 2001).

RESUMO

A pesquisa trata sobre o filósofo ativista oriundo do pós-operaísmo italiano Franco “Bifo” Berardi, com ênfase em sua obra *Depois do Futuro* (2009). Tal obra elabora uma reflexão acerca do século XX, em que a equação futuro-progresso chegou ao seu auge de entusiasmo com a concretização de revoluções, transformações sociais e tecnológicas; mas cedeu à exaustão diante de tantas guerras, genocídios e precarização do trabalho. A esquerda teve um papel destacado no século XX, suas batalhas pelo fim das classes, melhores condições de trabalho, levaram diversas gerações jovens e rebeldes à transformar a realidade política e social. Porém, na modernidade tardia hiperconectada, esta energia parece ter aquiescido. Num diálogo interdisciplinar entre historiadores, filósofos, economistas e sociólogos, uma genealogia do pensamento de “Bifo” nos aponta uma série de derrotas, rescaldos e uma memória produzida sobre as batalhas travadas naquele país que teve o maior Partido Comunista da Europa Ocidental.

Palavras-chave: Franco Berardi; Modernidade tardia; Marxismo Ocidental; Aceleração social; Operaísmo; Autonomia Italiana.

ABSTRACT

This research focuses on the activist philosopher Franco "Bifo" Berardi, originally from Italian post-operaismo, with an emphasis on his work "After the Future" (2009). This work offers a reflection on the 20th century, where the equation of future and progress reached its peak of enthusiasm with the realization of revolutions, social and technological transformations, but gave way to exhaustion in the face of so many wars, genocides, and precarious work. The left played a prominent role in the 20th century; its battles for the end of classes and better working conditions led several young and rebellious generations to transform political and social reality. However, in the hyperconnected late modernity, this energy seems to have subsided. In an interdisciplinary dialogue between historians, philosophers, economists, and sociologists, a genealogy of "Bifo"'s thought reveals a series of defeats, aftermaths, and a memory produced from the battles waged in the country that had the largest Communist Party in Western Europe.

Keywords: Franco Berardi; Late modernity; Western Marxism; Social acceleration; Operaismo; Italian autonomy.

SUMÁRIO

Introdução.....	11
------------------------	-----------

1 - Progresso, esquerda e marxismo ocidental.....	13
--	-----------

- 1.1 - Uma esquerda histórica
- 1.2 - Um progresso histórico
- 1.3 - Do sonho das vanguardas à exaustão do progresso
- 1.4 - As distopias já aconteceram...
- 1.5 - Marxismo ocidental e o caso italiano
- 1.6 - Memória nostálgica: O novo lugar da esquerda
- 1.7 - A cadeira vazia da esquerda é cedida ao “neo”
- 1.8 - O *General intellect* e a megamente
- 1.9 - A captura e direcionamento dos pensamentos

2 - Operaísmo, autonomia e pós-operaísmo.....	34
--	-----------

- 2.1. Antes, um PCI forte e combativo
- 2.2. Quaderni Rossi: bifurcações e dissidências
- 2.3 O grande maio de 68 italiano ou os anos de chumbo
- 2.4 A autonomia italiana
- 2.5 *Il compromesso storico*

3 - Bifo: das vanguardas modernas às máquinas linguísticas.....	44
--	-----------

- 3.1 - Um fascismo feito pelos humilhados cotidianamente pelo neoliberalismo
- 3.2 - O dinheiro é linguagem
- 3.3 - É ilusória a fé numa tecnologia “a”política
- 3.4 - As máquinas rouba-nos tempo, ao invés de trabalhar para nós!
- 3.5 - Uma juventude cansada
- 3.6 - A máquina redentora é um sonho do passado

- 3.7 - Se o dinheiro é linguagem, o futuro também
- 3.8 - Para os futuristas, moderna era máquina que subjugava a natureza
- 3.9 O mundo ultrarrápido e a abolição do espaço
- 3.10 - Uma modernidade masculinista
- 3.11 - Klébnikhov e a linguagem sem palavras
- 3.12 - A modernidade também é uma revolução linguística
- 3.13 - *Bad trip!* A utopia da comunicação sem fronteiras foi capturada

4 - Tempos fugidios: um balanço historiográfico da contemporaneidade.....68

- 4.1 - Fim da História, realização ou apocalipse?
- 4.2 - Como capturar este tempo presente?
- 4.3 - O futuro já acabou!
- 4.4 - A revolução, seus entusiastas e seus contrários
- 4.5 - A deflação do significado de progresso
- 4.6 - *No future!*

Considerações finais.....82

Referências bibliográficas.....84

Introdução

O objetivo desta pesquisa é analisar a derrota do campo socialista, que segundo a literatura contemporânea, data de cerca de 40 anos, a partir da queda do Muro de Berlim e o Consenso de Washington, e compreender as relações que a esquerda tem com a modernidade tardia e os usos do passado pelos novos sujeitos de esquerda.

A inquietação parte da constatação desta nostalgia de esquerda, este sentimento difere do que Enzo Traverso descreve como *Melancolia de Esquerda* (2019), um tipo de postura crítica que era indispensável para uma esquerda que se acreditava revolucionária, mesmo diante das mais duras derrotas, a análise do que deu errado, onde tinha sido derrotada, servia como lições para batalhas futuras, acreditando que estes erros seriam superados e os anseios dos sujeitos revolucionários seriam concretizados.

Este estudo propõe uma reflexão sobre as diferentes experiências temporais que caracterizam a contemporaneidade, partindo da melancolia de esquerda – conceito elaborado por Walter Benjamin e retomado por Enzo Traverso – para investigar como o campo socialista utiliza a memória e o passado. Esse exame do luto político dialoga com a noção de presentismo cunhada por François Hartog, um regime de tempo que privilegia o agora e se manifesta na onda patrimonialista, onde a captura e a *musealização*¹ do tempo, da memória e da história revelam uma ansiedade em face de um futuro percebido como incerto. Esse mesmo sentimento é radicalizado na análise de Franco "Bifo" Berardi, para quem assistimos ao fim do futuro, uma contração das expectativas que impacta profundamente a formação subjetiva e as possibilidades de ação coletiva neste nosso regime temporal distópico.

Para esta análise, a interdisciplinaridade das áreas dos diversos pensadores, seja o filósofo Berardi e sua conceituação sobre contemporaneidade, processo de assujeitamento, a criação e funcionamento dos automatismos linguísticos e da máquina linguística, assim como uma reflexão sobre as características da temporalidade em que vivemos, foi complementada com uma leitura crítica do marxismo ocidental com ênfase

¹ Este neologismo é para dar conta da ideia em Hartog (2013), de que a tentativa de capturar o tempo presente, tentamos encapsular tudo em forma de patrimônio, políticas de preservação, formas de apreensão do tempo, datas comemorativas que nos urge um *dever de memória*. Neste ato inconscientemente revelamos que o tempo é inapreensível e se esvai.

no marxismo italiano, onde César Altamira, Marcelo Tarì e Giuseppe Vacca forneceram um contexto histórico amplo para se pensar onde Berardi construiu parte de seu léxico crítico. O historiador Enzo Traverso nos fornece ferramentas interessantes que ora se chocam com o que Bifo propõe para leitura de nosso tempo, incluindo um papel de responsabilidade grande por parte da esquerda neste novo cenário político em que o horizonte de expectativa é tão largo, que nele cabem todas as possibilidades, com mais tendência para as catastróficas (e neste ponto há consenso com Berardi). Koselleck e sua ideia da modernidade como *aceleração* também contribui para esta reflexão sobre o progresso e a expectativa que foi construída em torno dele, na Europa iluminista.

Por fim, esta pesquisa se estrutura em quatro capítulos, fora introdução e considerações finais, onde no primeiro capítulo tento traçar o panorama histórico em que se insere a crítica deste esgotamento de entusiasmo pelo futuro, assim como o marxismo ocidental surge dessas insatisfações e divergências. No segundo capítulo, o operaísmo italiano surge como dissidência do PCI (Partido Comunista Italiano) e como o autonomismo e pós-operaísmos emergem como dissidências à própria ‘Autonomia Italiana’, montando um mosaico que demonstrava os diversos *fronts* de batalha na emergência de novos sujeitos revolucionários. No terceiro capítulo são abordadas com ênfase as questões de Bifo no livro *Depois do Futuro* (2019), onde a linguagem e energia das vanguardas do início do século XX possibilitaram de forma irônica ou distópica, a criação da máquina linguística e dos automatismos linguísticos, responsáveis pelo assujeitamento dos indivíduos através dos diversos dispositivos desta nova era tardomoderna. No quarto capítulo por fim, é retomado um balanço sobre a temporalidade, reconstruindo este percurso que faz o conceito ‘progresso’, que antes se confundia com a história da humanidade, mas hoje é empregado rotineiramente numa gramática de economistas quando querem falar sobre expansão industrial ou tecnológica de algum país.

Os capítulos são variações de um mesmo tema. Possuem uma economia textual própria, isto é, podem ser lidos separadamente sem qualquer problema interpretativo. No entanto, ao colocarmos em sequência acreditamos dar ao leitor uma sugestão de um caminho possível.

1 - Progresso, esquerda e marxismo ocidental

1.1 - Uma esquerda histórica

É imperioso resgatar uma definição objetiva para a esquerda histórica, um campo político situado em tempo e espaço, dotado de historicidade própria. Frequentemente reduz-se o debate a um lugar-comum: a direita prega o Estado mínimo, a esquerda, o Estado máximo. Nada poderia ser mais enganoso. Ambas as posições emergiram do mesmo tronco liberal, ancorado na defesa intransigente dos direitos humanos, da liberdade individual e da tolerância religiosa – valores consagrados pelas Revoluções Francesa e Americana.

Foi no calor da Revolução Francesa, no entanto, que a clivagem direita/esquerda ganhou forma concreta. Na Assembleia Nacional Constituinte, os girondinos, moderados e defensores de uma monarquia constitucional, ocupavam o lado direito da estrutura semicircular do parlamento. À esquerda, sentavam-se os jacobinos, radicais que advogavam por uma república. Este fato histórico crucial revela que a origem da dicotomia nada tem a ver com o tamanho do Estado, mas sim com projetos distintos de sociedade, ambos filiados à tradição liberal.

A complexidade, contudo, aprofunda-se no século XIX. Com o surgimento dos movimentos operários e das teorias socialistas, certos pressupostos liberais começaram a ser questionados. O marxismo, em particular identificou no sujeito formado pelo capitalismo industrial, a possibilidade de construção de um sujeito revolucionário, colocado como agente central de sua própria libertação – papel consagrado pela Revolução Russa no século XX.

Desse caldo cultural emergiram formas de luta reestruturadas – sindicatos e partidos – e ambições transformadoras radicais: o fim da sociedade de classes e a superação do capitalismo. Este projeto era sustentado por uma teoria filosófica singular, que não almejava apenas interpretar o mundo, mas sim transformá-lo. Características nacionais, hermetismos e o centralismo democrático contribuíram para a heterogeneidade inerente à esquerda.

É vital, portanto, compreender que noções como esquerda, democracia e república, ainda que de origem europeia, não seguem uma linearidade impositiva. Cada nação que as assimilou as reinventou, acrescentando novas características e implicações ao seu próprio contexto. A essência dessa esquerda histórica, fundada em Marx, permanece sendo seu potencial transformador: uma crítica radical não satisfeita com a mera compreensão, mas determinada a alterar o curso da história.

Muitas serão as nacionalidades das teorias que propuseram à esquerda caminhos que nem sempre foram bem sucedidos. Se a revolução de outubro for tomada como parâmetro, empobreceremos nossa discussão em pensar que todas estas revoluções teriam o mesmo modelo. Mas ainda assim, pensar nestes momentos históricos sob o olhar de paradigma nos fornece uma análise comparativa fortuita, como oportunamente Perry Anderson realiza nas suas *Considerações sobre um Marxismo Ocidental* (2019).

Não é por acaso que esta pesquisa dirige seu olhar para o caso italiano nos chama a atenção tanto pela riqueza teórica, quanto pela maciça movimentação nas ruas que tomaram o país por 10 anos (1968-1978), no que seria considerada a grande última insurgência ou revolução, o movimento de contracultura que como data referencial o maio de 1968 da França. Esta luta operária na Itália tem seu início nos primeiros sindicatos na década de 1910-20, a resistência ferrenha ao fascismo, sua vitória e consolidação no cenário político pós-Segunda Guerra destacamos sua longevidade e seus antagonismos, passando por uma sociedade de produção moderna, depois fordista e testemunhando as mudanças pós-fordistas, até a exaustão e decadência deste formato clássico de luta e organização dos sujeitos revolucionários.

A esquerda italiana sai derrotada do embate contra o neoliberalismo e deixa lições para outras esquerdas que ainda sonham com a transformação do mundo. O caso, aparentemente particular àquele país, pode ser encarado como um novo paradigma que nos leva a uma nova forma de luta, assim como a reformulação de um novo sujeito revolucionário. Este novo sujeito, segundo um dos derrotados do movimento autonomista italiano, não tem mais aquela verve, entusiasmo nem pretensões mais de mudar o mundo, a esquerda reduziu seu papel à uma mera agitação em tempos eleitorais e hoje se apegua às antigas instituições liberais e noções de democracia que tanto criticaram no começo do século XX.

As diversas teorias que propuseram caminhos à esquerda frequentemente originaram-se de diferentes contextos nacionais, e nem sempre lograram êxito. Tomar a Revolução de Outubro como parâmetro único empobreceria a discussão, na medida em que sugeriria um modelo uniforme para todos os processos revolucionários. No entanto, refletir sobre esses momentos históricos a partir de um paradigma comparativo permite uma análise frutífera, como oportunamente demonstra Perry Anderson em suas *Considerações sobre um Marxismo Ocidental* (2019).

Não é por acaso que essa investigação volta seu olhar para o caso italiano, que se destaca tanto pela riqueza teórica quanto pela intensa mobilização popular que marcou o país entre 1968 e 1978 — movimento este muitas vezes considerado a última grande insurgência revolucionária de inspiração contracultural, tendo como marco simbólico o Maio de 1968 francês.

A trajetória da luta operária na Itália remonta aos primeiros sindicatos das décadas de 1910 e 1920, passando pela resistência ao fascismo, sua vitória e consolidação no pós-Segunda Guerra. Sua longevidade e capacidade de antagonismo permitiram que testemunhasse — e resistisse — à transição de uma sociedade de produção moderna para o fordismo e, posteriormente, às transformações pós-fordistas, até chegar à exaustão e decadência desse formato clássico de organização dos sujeitos revolucionários.

Derrotada no embate contra o neoliberalismo, a esquerda italiana deixou lições importantes para aqueles que ainda almejam transformar o mundo. O caso, embora aparentemente particular, pode ser visto como um novo paradigma que aponta para outras formas de luta e para a reformulação do sujeito revolucionário. Segundo um dos derrotados do movimento autonomista, esse novo sujeito já não possui o mesmo ímpeto, entusiasmo ou a pretensão de mudar o mundo. A esquerda, argumenta-se, reduziu seu papel à agitação eleitoral e apegou-se agora às antigas instituições liberais e noções de democracia que outrora criticou.

É nesse sentido que retomamos o exemplo italiano para refletir sobre as aporias da esquerda contemporânea. A derrota sofrida na Itália durante os anos 1970 antecipa, de muitas maneiras, os dilemas que caracterizam nossa época.

1.2 - Um progresso histórico

Além de sua natureza física, o tempo possui uma dimensão histórica profundamente enraizada em diferentes visões de mundo. Na Grécia Antiga, concebia-se um tempo cíclico, que alternava entre eras de ouro — marcadas pelo esplendor e pela contemplação — e períodos de ferro, caracterizados pela guerra e pela penúria, mas sempre com a esperança de retorno a uma idade gloriosa. Já o cristianismo introduziu uma percepção apocalíptica do tempo, entendendo a vida terrena como um caminho de expiação em direção à salvação eterna. Por fim, a modernidade consolidou a noção de tempo linear, impulsionada pela acumulação de saberes, pela crença inabalável no progresso e pela busca do aperfeiçoamento humano dentro da própria existência.

Koselleck (2006) demonstra como a aceleração característica da modernidade emerge precisamente do descompasso entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa. Paradoxalmente, o século XX - que testemunhou genocídios, guerras mundiais, regimes totalitários e profundas transformações estatais e laborais - foi tanto o ápice da crença no progresso quanto o palco do esgotamento do entusiasmo em relação aos ideais modernos.

De um ponto de vista antagônico a esta visão, o economista Francis Fukuyama (1991) diante da queda do primeiro país a ter uma revolução comunista afirmou que o liberalismo venceu a corrida contra o fascismo e o socialismo como melhor regime político e econômico durante o século XX; essa é a ideia defendida ao fim da URSS em 1991. Este seria o “fim da história”, isto é, o movimento em direção ao progresso atingiu seu ápice com o liberalismo² do Estado Keynesiano, fordista, das sociais-democracias, pois seu formato acomodaria todas as tensões da sociedade, e destas resoluções, o aprimoramento. Mas, para nós, é preciso entender as energias utópicas e as perspectivas históricas sobre o tempo para alcançar uma ideia de “fim do futuro” ao oposto de um “fim da história”.

A questão da aceleração para o tempo é colocada pelo filósofo da história dos conceitos Reinhart Koselleck (2006). Em sua obra, elabora toda uma teoria sobre a

² Referimos-nos ao liberalismo e neoliberalismo não apenas em seus aspectos econômicos, mas sobretudo políticos e seus impactos sociais.

modernidade como aceleração e para isso, busca conceitos universais na história. Trata-se da teoria na qual seria possível compreender cientificamente os conceitos pela qual a história se expressa. Os conceitos de espaço de experiência e horizonte de expectativa são colocados pelo filósofo como categorias básicas e fundamentais para possibilitar uma história. Não há história possível sem esses dois conceitos, pois eles articulam o passado, o presente e o futuro. A busca não é pela concretização ou não do que se projeta, mas o próprio gesto de projetar, analisar o que há de político e social, no gesto de projetar, conjecturar, tentar prever, os desejos e as intenções.

Koselleck (2006, pp. 314-319) demonstra a articulação desses conceitos para analisar a sociedade medieval europeia exemplificando o uso dessas categorias. No mundo camponês medieval a experiência pouco sofria com mudanças bruscas, de forma que as expectativas das gerações seguintes se assemelhavam a de seus antepassados. Mas, se grande parte mundo camponês não havia grandes mudanças, no campo intelectual desta mesma sociedade medieval, as ideias de Copérnico, os humanistas e intelectuais passavam por novas experiências, que dentro deste campo, alterava suas expectativas quanto ao que poderia resultar a presença dessas ideias que mexiam com as estruturas de pensamento. Mais adiante no tempo, a experiência ultramarina junto com o conhecimento de outras sociedades fora da Europa, vivendo em outras temporalidades, o espaço de experiência ganhou novos elementos que alargaram as possíveis expectativas sobre o futuro daquela sociedade predominantemente rural.

O movimento iluminista, junto com seus questionamentos baseados no uso da razão para compreensão da realidade, mudou a estrutura política das sociedades que agitou de vez o mar de calma do medievo europeu. Agora, em contato e comércio com diversas partes do planeta, dando este novo caráter dinâmico de sociedade advindo do capitalismo. A revolução francesa é o ponto decisivo da mudança no conceito de progresso na Europa. Se antes progresso significava apenas “seguir”, agora ele encampa uma ideia de melhoria, e o futuro a partir da razão desvencilhado do obscurantismo religioso medieval, se confundiria com o aperfeiçoamento da humanidade. Com a política tomando feições inéditas, na velocidade do corte das cabeças guilhotinadas dos monarcas e os sucessivos modelos políticos vividos pela França de 1789 em diante.

Koselleck (2006, pp. 321-322) aponta como a França pós-revolução experimentou oito diferentes modelos políticos de 1790 a 1850, com mudanças em toda a estrutura da sociedade, não mais a sociedade absolutista europeia. Desse desequilíbrio

entre o espaço de experiência, este agora reduzido em seu tamanho entre a passagem de gerações, e o horizonte de expectativa com promessas de melhoria, aperfeiçoamento e progresso, esta palavra ganha novos significados. Com Kant (2003) ao pensar numa história universal da humanidade, guiada pelo uso da razão e iluminada pelo conhecimento científico. Esta aceleração causada pelo progresso é o que Koselleck (2006, pp. 318-319) chama de modernidade:

Kant, que criou a expressão “progresso”, aponta a mudança de rumo do que se trata aqui. Uma predição que espere fundamentalmente o mesmo não é para ele um prognóstico. Pois contradiz sua expectativa de que o futuro seria melhor porque deve ser melhor. Experiência do passado e expectativa do futuro já não correspondem uma à outra; distanciam-se progressivamente. O prognóstico pragmático de um futuro possível se transforma em expectativa de longo prazo para um futuro novo. Kant admitia que pela experiência não se pode solucionar imediatamente a tarefa do progresso. Mas estava convencido de que novas experiências, semelhantes à da Revolução Francesa, haveriam de se acumular no futuro de modo que “aprender por uma experiência reiterada pode garantir um progresso contínuo para o melhor”. Esta frase só passou a ser concebível depois que a história foi vista e experimentada como única, não apenas nos diversos casos individuais, mas única em seu todo, como totalidade aberta para um futuro portador de progresso.

Se o século XIX, com o advento da revolução industrial, a presença das máquinas acelerando e modificando o cotidiano, foi marcado pelo entusiasmo com a tecnologia, as melhorias sanitárias e urbanas, o século XX vai ser ainda mais portador destes sonhos e desejos.

1.3 - Do sonho das vanguardas à exaustão do progresso

Franco “Bifo” Berardi (2019) aponta como as grandes utopias se concretizaram ironicamente no século XX, tendo como última grande utopia o advento da máquina linguística e a internet. As vanguardas futuristas sonharam com uma linguagem ‘transmental’, o dadaísmo rompia a relação entre a arte e vida, enquanto que o surrealismo clamava pela imaginação no poder. Na ocasião do centenário do Manifesto Futurista lançado por Marinetti em 1909, Berardi (2019) fez uma análise do contemporâneo constatando uma exaustão das ideias iluministas, que tem seu auge e declínio no século XX, o século que mais acreditou no futuro-progresso.

A energia e entusiasmo que as vanguardas modernas europeias tinham com a aceleração em seus aspectos técnicos, científicos e sociais, resistiram a grandes guerras e o *Shoah* promovido pelo Estado nazista, diversas ditaduras e genocídios; esses acontecimentos abalaram, mas ainda não extinguiu num primeiro momento a crença no futuro=progresso. Por outro lado, o autor destaca como o movimento de contracultura foi capturado em seus anseios pelos dispositivos capitalistas, e a linguagem das vanguardas modernas. Os futurismos russo e italiano, Bauhauss, os dadaístas e surrealistas acabaram por elaborar uma linguagem que possibilitou a criação da máquina linguística. A internet é considerada pelo filósofo com a última grande utopia do século XX. Ele aponta como cada projeção pôde se realizar, porém de forma irônica e adversa. Os futuristas italianos participaram ativamente do Fascismo, os futuristas russos se desiludiram, suicidaram-se ou foram perseguidos pelo stalinismo, e a separação entre a vida e arte clamada pelos dadaístas, assim como a imaginação no poder, sonhada pelos surrealistas, se tornaram publicidade na sociedade *espetacularizada*, possibilitada pela televisão e posteriormente internet. É com o advento do neoliberalismo que o futuro=progresso tem seu fim. É quando Nixon decreta o fim do acordo Bretton Woods, onde o dólar abandonou o ouro, e passou a ser autorreferente para Berardi (2019) é decisivo no ponto de virada onde a moeda, que é também linguagem, perde seu lastro com a materialidade. O Consenso de Washington e as mudanças no capitalismo marcam um novo momento na economia onde o silêncio de uma esteira numa linha de montagem, é substituída por uma produção onde a comunicação é imperativa na produção, é requerida e estimulada.

Segundo Franco “Bifo” Berardi (2019), as grandes utopias do século XX concretizaram-se de forma irônica, sendo a última delas o advento da máquina linguística e da internet. As vanguardas artísticas renunciaram esse desenvolvimento: os futuristas sonhavam com uma linguagem “transmental”, o dadaísmo rompeu a ligação entre arte e vida, também o surrealismo clamou pela imaginação no poder. Por ocasião do centenário do Manifesto Futurista de Marinetti (1909), Berardi analisou o contemporâneo e identificou a exaustão das ideias iluministas, que atingiram seu ápice e declínio no século XX – o período que mais acreditou na equação futuro=progresso.

Apesar dos traumas das grandes guerras, do Shoah executado pelo Estado nazista, das ditaduras e dos genocídios, a energia e o entusiasmo das vanguardas modernas europeias pela aceleração técnica, científica e social resistiram inicialmente.

Esses eventos abalaram, mas não destruiu de imediato, a crença no progresso como horizonte inevitável. No entanto, como destaca o autor, tanto o movimento de contracultura quanto a linguagem das vanguardas modernas – incluindo o futurismo russo e italiano, a Bauhaus, o dadaísmo e o surrealismo – foram capturados e instrumentalizados pelos dispositivos capitalistas. Acabaram por elaborar a base linguística que possibilitou a criação da máquina linguística.

Esta máquina, que se concatena, constrói caminhos linguísticos ao qual o filósofo (2019) nomeia de *automatismos linguísticos*. Estes caminhos tendem a ser padronizados pelos usos da linguagem no capitalismo, tirando cada divergência, “encrespamento”, resistências e modos de vidas alternativos ao capitalismo, pois a produção depende agora da circulação de capitais, e qualquer mal-estar ou empecilho deve sair do caminho desta circulação, inclusive direitos humanos, direitos do trabalho, formas de vidas autóctones.

A internet é considerada por Berardi a última grande utopia do século XX. Ele demonstra como cada projeção utópica se realizou de modo distorcido e adverso: os futuristas italianos abraçaram o fascismo; os russos, desiludidos, suicidaram-se ou foram perseguidos pelo stalinismo; a cisão entre arte e vida proposta pelos dadaístas e o poder da imaginação surrealista transformaram-se em matéria-prima da publicidade na sociedade do espetáculo, potencializada pela televisão e depois pela internet.

O fim da equação futuro=progresso consolida-se com o advento do neoliberalismo. Para Berardi, o momento decisivo dessa virada ocorre quando Nixon decreta o fim do acordo de Bretton Woods (1971) e o dólar abandona o lastro-ouro, tornando-se autorreferente. Nesse ponto, a moeda – que também é linguagem – perde sua conexão com a materialidade. O Consenso de Washington (1989) e as transformações no capitalismo inauguram uma nova economia, o neoliberalismo: o silêncio da esteira de montagem é substituído por um modelo de produção no qual a comunicação torna-se imperativa, requerida e estimulada.

1.4 - As distopias já aconteceram...

Depois do Futuro (2019) remete ao centenário do *Manifesto Futurista* de 1909 de Marinetti, um poeta modernista italiano, entusiasta do automóvel, da potência da máquina e do futuro que se anunciava sobre os trilhos e rodas do progresso. Logo de

abertura, Bifo (2019, p.16) cita um poema de Marinetti onde ele elogia o automóvel, com sua potência e velocidade, e comenta ‘como seria irônico ler este poema num engarrafamento, num dia de calor, dentro do seu automóvel!’.

Chegamos ao futuro sonhado pelos literários, pelos sonhadores, iluministas, entusiastas da técnica e do avanço da razão, aqui é o futuro, mas o que vem a seguir? As iminentes catástrofes ambientais, a persistência da escravidão, da fome, além da grande ironia que é a precarização do trabalho facilitada pelas novidades tecnológicas como os diversos trabalhos possibilitados pela internet, o celular e seus *apps*, fazem com que fique difícil acreditar nesse progresso inerente, linear, seguindo o curso da história.

A análise de Berardi (2019) encontra neste novo cenário, tanto a impossibilidade de imaginar um futuro que tenha esperança na luta contra nossa deterioração da experiência humana, massacrada por trabalhos precários, privada de um meio ambiente em equilíbrio e com a incerteza do tipo de seguridade social ofertada pelo Estado neoliberal. Agora, não como as utopias das vanguardas modernas do século XX, o sujeito inquieto e transformador moderno, a nova geração, na visão de Berardi (2019) que automatizada pela lógica da conectividade, deu lugar ao *Hikikomori*, fenômeno que acontece no Japão, onde uma juventude em desilusão com a carestia e a impossibilidade de encontrar felicidade no convívio e em comunidade; isola-se num quarto detrás de um computador e recusa fazer parte do sistema, porém esta recusa é bastante limitada e não prevê ação para mudar esta situação no futuro.

O historiador Enzo Traverso (2021) também percebe esta apatia nas novas gerações, e a análise que ele apresenta responsabiliza a esquerda pela falta de produção de horizontes. A esquerda se tornou órfã quando o marxismo tradicional do século XX foi derrotado. Nas teses sobre Feuerbach, Marx sentencia o que seria a prática de sua filosofia, ilustrada na célebre frase: “Até agora os filósofos se preocuparam em interpretar o mundo de várias formas. O que importa é transformá-lo.” Esta frase organiza e demonstra uma preocupação do marxismo, não se distanciar do horizonte de transformação, mas de enxergar na *luta de classes* a possibilidade da sociedade sem classes, comunista. A teoria não pode se distanciar da práxis militante.

1.5 - Marxismo ocidental e o caso italiano

Na década de 1960, por solicitação de uma revista para a elaboração de um Guia para o Marxismo Ocidental, seus pensadores e os desdobramentos das ideias, tradições, bifurcações e confluências, Perry Anderson (2019) elaborou suas *Considerações sobre o Marxismo Ocidental*. A intenção era constituir uma série de exposições críticas sobre os maiores nomes desta tradição: de Lukács a Gramsci, de Sartre a Althusser, de Marcuse a Della Volpe. A revista encerrou seus trabalhos pouco após a solicitação deste manual, mas o trabalho de Anderson (2019) seguiu esta linha, fazendo um grande balanço histórico do marxismo após a revolução de outubro.

Anderson (2019) explica como a atuação política de Marx e Engels era limitada por sua época. Os levantes revolucionários na Alemanha de 1848 que ambos se envolveram politicamente eram constituídos maior parte, por artesãos, assim como a Comuna de Paris. A estrutura de Partidos, sindicatos e organizações dos trabalhadores só aconteceram depois da morte de Marx³. Nesse aspecto, a obra de Marx não poderia adiantar-se ao ritmo real das massas na história com vistas a inventar seus próprios instrumentos e modalidades de autoemancipação. O aspecto desenvolvido e coerente da teoria econômica legada por Marx se contrapõe a uma teoria política, que fosse comparável em esforço, tanto a respeito das estruturas do Estado burguês quanto da estratégia e das táticas da luta socialista revolucionária por um partido da classe trabalhadora capaz de derrubar o capital. O desenvolvimento de uma teoria marxista se deu apartado de uma prática militante na Europa Ocidental. Esta separação não foi uma mera causalidade, o levante nazifascista, a primeira e segunda guerra mundial criaram um contexto que impossibilitou ou inviabilizou que se formasse uma teoria radical dentro de um movimento de massas como aconteceu na geração marxista do centro e do leste europeu:

Por outro lado, a unidade extraordinária de teoria e prática realizada, contra todas as adversidades, na de vida de Marx e Engels, por essa mesma razão, nunca constituiu uma identidade imediata ou

³ O rol de publicações de Marx em sua própria época é um indicador das barreiras para a difusão do pensamento entre as classes às quais ele se dirigia. Inversamente, entretanto, a inexperiência do proletariado da época – ainda a meio caminho entre oficina e fábrica, desprovido em grande parte até mesmo de uma organização sindical, sem esperança de ganhar nenhum poder na Europa – circunscrevia os limites exteriores do próprio pensamento de Marx. (Anderson, 2019, p. 26)

ininterrupta. No único levante revolucionário de massa do qual eles participaram pessoalmente, predominaram artesãos e camponeses; o minúsculo proletariado alemão desempenhou apenas um pequeno papel nos eventos de 1848. A insurreição social mais avançada que Marx e Engels testemunharam, de longe foi, da mesma forma, de caráter basicamente artesão: a Comuna de Paris. Sua derrocada assegurou a dissolução da Primeira Internacional e o retorno de Marx e Engels à atividade política meramente informal. O verdadeiro surgimento de partidos da classe operária ocorreu depois da morte de Marx (Anderson, 2019, p. 27).

Os pensadores que levaram à frente as ideias marxistas continuaram ao trabalho junto à Engels, criando uma rede que ia se espalhando por diversos países. As maiores figuras destacadas por Anderson (2019) são: Labriola (nascido em 1843), Mehring (nascido em 1846), Kaustky (nascido em 1854) e Plekhánov (nascido em 1856); trocaram correspondência e foram orientados por Engels, após a morte de Marx. Engels continuou e desenvolveu o materialismo histórico, orientando e se comunicando por cartas com os primeiros marxistas.

Oriundos do Leste e Centro Europeu, estes primeiros marxistas embora não fossem os líderes e organizadores, ocupavam cargos importantes e viviam o cotidiano da militância: “Uma característica comum de todos desse grupo era a extraordinária precocidade de sua trajetória: cada uma das figuras mencionadas havia escrito uma obra teórica antes dos 30 anos (Anderson 2019, p. 30)”.

As ideias de Marx surgem dentro do contexto das lutas da classe trabalhadora inglesa, se firma como ciência proletária e pretende não apenas analisar o mundo, mas também transformá-lo. Esta máxima leva o marxismo ao seu desenvolvimento de ciência atrelada à práxis. Marx toma envolvimento nas questões políticas de sua época, se entusiasma com as Comunas de Paris em 1871, realiza a primeira Internacional Socialista e dialoga com vários ativistas, filósofos, socialistas e lideranças no movimento dos trabalhadores.

Porém há uma distância temporal até a absorção de suas ideias, aonde o discurso marxista vai se encontrar com líderes de partidos de massa. Esta primeira fase não acontece na Europa Ocidental, mas no Leste e Centro Europeu com Lenin, Kautsky e Rosa Luxemburgo:

Na primeira década e meia do século (XX) assistiu-se a um grande florescimento do pensamento econômico marxista na Alemanha, na Áustria e na Rússia. Todos os principais teóricos da época deram como certa a importância vital de decifrar as leis fundamentais do

movimento do capitalismo em seu novo estágio de desenvolvimento histórico. Ao mesmo tempo, contudo, houve também, pela primeira vez, o surgimento meteórico de uma teoria *política* marxista. Enquanto os estudos econômicos do período podiam construir suas análises diretamente sobre as imponentes bases de *O Capital*, nem Marx nem Engels haviam legado um *corpus* de conceitos comparável para a tática e a estratégia políticas da revolução proletária. A situação objetiva deles, conforme já vimos, impossibilitava isso. O rápido crescimento de partidos da classe trabalhadora na Europa Central e o aumento tempestuoso de rebeliões populares contra os *anciens régimes* do Leste Europeu criavam agora as condições para um novo tipo de teoria, baseado diretamente nas lutas de massa do proletariado e integrado de modo natural em organizações partidárias (Anderson, 2019, p. 33).

O rápido crescimento de partidos da classe trabalhadora na Europa Central e o aumento tempestuoso de rebeliões populares contra os *anciens régimes* do Leste Europeu criavam agora as condições para um novo tipo de teoria, baseado diretamente nas lutas de massa do proletariado e integrado de modo natural em organizações partidárias.

Na Europa Ocidental há um espaço temporal em que a Inglaterra, por ter uma tradição trabalhista desde o movimento cartista, o marxismo não teve grande adesão. Na França a experiência das Comunas e o longo século de revoluções também minimizaram o impacto do marxismo.

Na Alemanha, Rosa Luxemburgo lidera o Partido Comunista Alemão (SPD), porém acaba morrendo em uma insurgência precipitada em 1919. Por fim, na Itália, embora Labriola possa ser considerado um dos primeiros marxistas neste país, e experimente nas décadas de 10 e 20 uma organização dos trabalhadores e sindicatos reunidos em conselhos, num modelo semelhante aos soviets russos, é com Antonio Gramsci que o PCI protagoniza o movimento operário, porém é logo reprimido pelo Regime Fascista⁴.

A contrarrevolução e o stalinismo foram barreiras ao marxismo desta segunda geração, tanto a perseguição pelo fascismo e nazismo, quanto o próprio autoritarismo da

⁴ No resto da Europa, entretanto, a grande onda revolucionária, que estourou em 1918, no final da Primeira Guerra, e durou até 1920, foi derrotada. O capital provou-se decisivamente forte em toda a parte fora da Rússia. O cerco contrarrevolucionário internacional ao Estado Soviético entre 1918 e 1921 não conseguiu derrubá-lo, embora a guerra civil tivesse infligido enorme dano à classe trabalhadora russa. Mas conseguiu isolar a Revolução Russa do resto da Europa durante os três anos de crise social mais aguda para a ordem imperialista em todo o continente e permitiu, assim, que os levantes proletários fora da União Soviética fossem debelados (Anderson, 2019, p.38).

URSS de Stálin, eram barreiras à uma adesão maior da classe trabalhadora nos países do Ocidente Europeu, a crítica a este momento, gerou divergências e bifurcações, que tomaram muitas vezes o caráter de uma crítica desenvolvida através de uma vasta literatura filosófica e teórica.

Por vezes, estes novos autores eram acadêmicos, tais como Galvano Della Volpe na Itália. O marxismo acabou-se por tornar-se uma filosofia, as novas inovações teóricas sobre o marxismo se deram dentro de debates entre acadêmicos e intelectuais, onde os próprios PC's se tornaram ambientes com tendências ortodoxas, rejeitando novidades e por vezes afastando ou ignorando membros dos seus quadros como o exemplo de Althusser no PCF.

A construção do PCI na Itália se deu num contexto diferente dos outros países ocidentais tais como Inglaterra e França. Na Inglaterra, o marxismo tem mais um capítulo somente nos anos 60 com E. P. Thompson, Christopher Hill, Perry Anderson, Tom Nairn, Raymond Williams, Eric Hobsbawm; e embora muitos desses autores militaram arduamente em sua juventude, incluindo durante o período de guerras, sua produção intelectual acontece quando muitos deles passam a ocupar cargos nas academias e universidades.

Na França a experiência das Comunas e o longo século de revoluções também minimizaram o impacto do marxismo, e seu florescimento e força se deu com Sartre, Althusser, Merleau-Ponty, etc. Na Alemanha, Rosa Luxemburgo lidera o PC alemão (SPD), porém acaba morrendo em uma insurgência precipitada em 1919, posteriormente, a Escola de Frankfurt retoma as discussões sobre o marxismo, mas como um instituto de pesquisa que era, mantém-se apartada da militância:

A vitória nazista em 1933, portanto, exilou o instituto, mas não o destruiu como centro. Horkheimer conseguiu negociar sua transferência formal para os Estados Unidos em 1934, onde se vinculou à Universidade de Columbia, de Nova York; e, antes do início da Segunda Guerra Mundial, todos os seus colegas mais próximos haviam se juntado a ele nos Estados Unidos. Com a emigração para esse país, o instituto foi transferido para um ambiente político destituído de um movimento de massa da classe operária que fosse ao menos formalmente comprometido com o socialismo e de qualquer tipo de tradição marxista substancial. Em seu novo ambiente, o instituto gravitou firmemente na direção da adaptação à ordem burguesa local, censurando suas próprias obras passadas e presentes para se adequar as suscetibilidades acadêmicas ou corporativas locais e realizando investigações sociológicas de caráter positivista convencional. Para que se camuflasse em seu novo habitat, foi posto

em prática um afastamento quase completo da política (Anderson, 2019, p. 56).

Por fim, na Itália, embora Labriola possa ser considerado um dos primeiros marxistas neste país, e experimente nas décadas de 10 e 20 uma organização dos trabalhadores e sindicatos reunidos em conselhos, num modelo semelhante aos soviets russos, é com Antonio Gramsci que o PCI protagoniza o movimento operário, porém é logo reprimido pelo Regime Fascista. A Itália, embora tenha sofrido com este endurecimento durante a ascensão do fascismo e a prisão de Gramsci, resiste e toma protagonismo na frente ampla antifascista que se forma na Segunda Guerra Mundial.

Essa coalizão responsável por derrotar o fascismo “por dentro”, foi também responsável pela nova constituição democrática, avançada nas questões sobre direitos humanos e trabalhistas, com participação ativa do PCI. Gramsci produz sua teoria no cárcere, e seus escritos só alcançaram o grande público no pós-guerra. A relevância do marxismo italiano é que há combinação de um movimento de massa organizado e uma intelectualidade capaz de pensar a revolução aos moldes da depuração marxista, da teoria que caminha junto com a prática revolucionária (Anderson, 2018, p. 40).⁵

Neste sentido, de 1920-1968, a migração do marxismo das ruas para as universidades possa ser encarada sob o olhar da derrota, no sentido de que aquela ambição anterior de uma filosofia revolucionária, capaz de transformar a realidade, tornou-se uma forma de pensar. Embora a filosofia permita a possibilidade de emancipação, de reflexão e de transformação da realidade, esta resignação do marxismo a uma filosofia e de uma teoria política distante da práxis é uma marca inegável.⁶ Esta questão do divórcio entre a teoria e a prática foi algo retomado com muita ênfase pelo Operaísmo, e era também uma questão que se impunha ao novo tipo de produção

⁵ As datas históricas e a distribuição geográfica do “marxismo ocidental” fornecem a estrutura formal preliminar para situá-lo no interior da evolução do pensamento socialista como um todo. Ainda falta identificar as características que o definem substancialmente e o demarcam como tradição integrada. A primeira e mais fundamental característica foi o divórcio estrutural entre esse marxismo e a prática política. A unidade orgânica de teoria e prática realizada na geração clássica dos marxistas anteriores à Primeira Guerra Mundial, que desempenharam inextricável função político-intelectual em seus respectivos partidos na Europa Oriental e Central, sofreria uma cisão cada vez mais na Europa Ocidental ao longo do meio século que vai de 1918 à 1968 (Anderson, 2019, p. 52).

⁶ A marca registrada oculta do marxismo ocidental como um todo é, portanto, ser produto da derrota. O fracasso da revolução socialista em se espalhar além da Rússia – causa e consequência da sua corrupção dentro da Rússia – é o fundamento comum de toda a tradição teórica desse período. Suas grandes obras foram, sem exceção, produzidas em situações de isolamento político e desesperança (Anderson, 2019, p.65)

durante os anos de chumbo italiano (1968-1978), e também ocupa um lugar importante nas discussões dos pós-operaístas, a partir de 1980 em diante.

1.6 - Memória nostálgica: O novo lugar da esquerda

O historiador Enzo Traverso (2021) comenta como a esquerda tinha no século XX uma postura melancólica, que costuma olhar para as derrotas do passado buscando lições para transformar o futuro. Todavia, após a queda da União Soviética, foi atestada uma derrota total do projeto revolucionário marxista tradicional. O neoliberalismo diferentemente do liberalismo faz pouco caso do futuro, a ideia de progresso é substituída pela ideia de tradição e família. E nesse espaço vazio, as novas gerações já não veem mais sentido nos símbolos e memórias tradicionais da esquerda:

A mente humana, observou Koselleck citando Tocqueville, vagava na escuridão, e as lições da história se tornavam misteriosas e inúteis. O final do século XX parecia ter reabilitado a máxima de Cícero: A história é testemunha do passado, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, anunciadora dos tempos antigos. A democracia liberal tomou a forma de uma teodiceia secular que, no epílogo de um século de violência, incorporou as lições do totalitarismo. De um lado, historiadores apontavam as inúmeras mudanças ocorridas em era turbulenta, de outro, filósofos anunciavam o ‘fim da história’. O hegelianismo otimista de Fukuyama foi criticado a torto e a direito, mas o mundo que emergiu do final da Guerra Fria e do colapso do comunismo era assustadoramente uniforme. O neoliberalismo assumiu o protagonismo; nunca, desde a Reforma, uma única ideologia havia estabelecido hegemonia tão completa, de alcance tão global (Traverso, 2021, p. 22).

Traverso (2021) ainda reflete como toda a história do comunismo foi reduzida a sua dimensão totalitária, que, por sua vez, parecia uma memória coletiva, passível de ser transmitida. Tal narrativa não foi inventada em 1989; ela existia desde 1917, mas agora se tornara uma consciência histórica compartilhada, uma representação dominante e incontestada do passado. Após ter adentrado o século XX como um a promessa de libertação, comunismo saiu dele como um símbolo de alienação e opressão (Traverso, 2021). A história do ativismo marxista do século XX foi sendo esquecida ou colocada num espaço menor⁷.

⁷ Há vinte anos, a queda do socialismo real paralisou e censurou a imaginação utópica e, por um momento, suscitou novas visões escatológicas do capitalismo como ‘horizonte insuperável’ das sociedades humanas. Essa fase acabou, mas não surgiram novas utopias. Assim, ‘presentismo’ se torna

Outra análise interessante sugerida pelo historiador (2021) é como a memória da *vítima*, acabou se tornando uma espécie de culto na Europa, principalmente relativo à memória do *Shoah*. Diante da rejeição das estátuas e símbolos erigidos pela ocupação soviética, tanto nos países do Leste Europeu quanto na Alemanha oriental, a memória do Holocausto e do sofrimento judaico pareceu ser a única memória a ter um tratamento especial, ocupando por vezes o espaço da memória dos que lutaram e resistiram ao fascismo durante a 2ª Grande Guerra

Desprovido de seu horizonte de expectativa, o século XXI nos aparece, em retrospecto, como um período de guerras e genocídios. Uma figura outrora discreta e modesta agora está sob os holofotes: a vítima. Na maioria das vezes de forma anônima e silenciosa, as vítimas invadem o pódio e dominam nossa visão da história. Graças à influência e à qualidade de suas obras literárias, as vítimas dos campos de concentração nazistas e dos gulags stalinistas se transformaram nos grandes ícones deste século de vítimas (Traverso, 2021, pp.35-36).

As coalizões antifascistas, a resistência francesa, os anarquistas da década de 30 na Espanha, o Partido Comunista Italiano que trançou uma ampla frente antifascista e derrotou em 1943 o regime de Mussolini, ocupam hoje um espaço muito limitado se comparado ao terror do campo de concentração. A memória do gulag apagou a da revolução, a memória do Holocausto suplantou a do antifascismo, a memória da escravidão eclipsou o anticolonialismo. A recordação das vítimas parece não poder coexistir com a lembrança de suas esperanças, de suas lutas passadas, de suas conquistas e derrotas (Traverso, 2021, p.36).

1.7 - A cadeira vazia da esquerda é cedida ao “neo”

É nesse vazio político que Bifo Berardi (2019) olha com pessimismo, pois a fácil linguagem da publicidade e da internet formam subjetividades conformadas e formatadas para este tempo. De modo que o neoliberalismo para além de um mero fenômeno econômico, mas encarado nas suas consequências na vida social, se espraia tanto pela esquerda quanto pela direita, impossibilitando visões de um futuro onde a humanidade se salve.

um tempo suspenso entre um passado que não se pode superar e um futuro negado, entre ‘um passado que não quer passar’ e um futuro que não pode ser inventado ou previsto (exceto em termos de catástrofe) (Traverso, 2021, p.33).

No entanto, a ascensão de regimes autoritários, as novas formas de apresentação do fascismo e as novas formas de trabalho precarizadas possibilitadas pelos *apps*, tiveram seu êxito de circulação nesta rede hiperacelerada. Que tipo de sujeito pode-se formar diante de uma contemporaneidade onde não há mais tempo para se pensar o futuro? “Um filho das flores não pensa no amanhã” (Berardi, 2019, p.78). Ele não sonha, ele realiza.

Quando o futuro aparecia como inevitável desdobramento das condições determinantes que são implícitas no presente, o dadaísmo entra como elemento surpresa, que ignora as necessidades, a história e o discurso feito sobre a realidade. Os dizeres de maio de 1968 ecoam como um grito contra este tipo de sociedade disciplinada, adequada pra viver entre seus gestos alienados na esteira de produção e evocam o sonho dos surrealistas e a ironia dos dadaístas, manifesto nas paredes pichadas nos muros da França entrincheirada naquele fatídico maio: “sejam realistas, exijam o impossível!”.

O surrealismo e o dadaísmo chegam em 1968 através de filtros que percorrem a cultura hippie, o imaginário psicodélico, a *molecularização* dos grupos. “A imaginação no poder!”: bradam os *hippies*. Os anos 1980 respondem. Incorporam esse lema e põe a imaginação à serviço do capital, a imaginação agora vira modo de produção. Não mais a exploração na linha de montagem, mas a exploração da mente. A geração que vem ao mundo nos anos 1980 está destinada a ser a primeira geração videoeletrônica, a primeira que se forma em um ambiente em que a mídia prevalece sobre o contato com o corpo humano.

Na segunda parte do século que acreditou no futuro, o imaginário utópico se transformou cada vez mais em distopia, pesadelo da consciência: O *cyberpunk* é um ponto de chegada dessa dinâmica de colapso do tempo futuro:

O surrealismo tinha sido o primeiro a entrever a possibilidade de conexão entre as tecnologias e a imaginação visionária, o estado alterado de consciência; os surrealistas foram os primeiros a fotografar o sonho. Quando chamavam a imaginação ao poder, o poder de que estavam falando era o da força de projeção, da potência ilusória, mas real, que modela o campo das expectativas, dos desejos e das projeções [...] Multiplicação esquizofrênica de mundos imaginados, compartilhamento de mundo projetivos. Mas também a paranoia, terror dos monstros que nascem dos pesadelos da mente coletiva. (Berardi, 2019, p.98).

É um cenário em que os terrores imaginados saem dos livros de distopia, dos filmes de terror, ou dos filmes épicos e embaralham a linha entre o que é arte, o que é virtual, e o que se torna realidade, podendo tanto ser um campo de ricas experiências, ou um lugar sem limites para as mentes doentias.

1.8 - O *General intellect* e a megamente

Em sua concepção sobre a moldagem das subjetividades na modernidade tardia, Berardi parte da ideia de que a globalização — consequência da expansão capitalista sobre a superfície terrestre — acelera as sociedades em busca de sincronia produtiva, uniformidade e conformidade. Uma vez dominado o espaço geográfico, o capitalismo avança agora sobre o tempo, colonizando-o. E, após conquistar por completo o espaço físico, expande-se para o virtual, o ciberespaço, produzido e compreendido pela força da mente. Essa mente global virtualizada em expansão abriga, assim, conteúdos e informações infinitas.

Nesse contexto, o mercado e a produção já não se restringem ao chão da fábrica ou ao solo da terra, mas deslocam-se para a esfera da circulação do dinheiro. Berardi (2020) nos lembra de que o dinheiro é linguagem — uma linguagem dotada de confiança. A circulação monetária torna-se a principal fonte de renda dos grupos econômicos que repartem o mundo conforme seus interesses, e quanto mais veloz for essa circulação, mais valor é gerado.

Essa inteligência artificial, capaz de criar universos virtuais, depara-se, no entanto, com os limites da mente orgânica individual — aquela que atribui confiança, significado e sentido ao que é produzido. Desse encontro, extrai-se mais-valor, e o capital suga a energia psíquica humana até a exaustão.

É nesse cenário que surge a figura do *general intellect*, conceito descrito por Marx nos Grundrisse (MARX, Karl. Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. 2011), que se refere ao conhecimento, às capacidades e às habilidades comuns aos trabalhadores. Esse fenômeno permite ao capitalismo formar um novo tipo de operário: o operário cognitivo. Saber operar uma máquina — seja uma prensa, um computador ou um aplicativo —, atender chamadas, fazer entregas, ou produzir conteúdos nas redes sociais (como vídeos com danças,

conselhos ou tutoriais) são atividades que, em grande medida, não exigem (ainda) formação especializada.

Nessa nova realidade virtual, o cognitariado — detentor dos conhecimentos necessários para operar a máquina linguística — vê justamente sua capacidade humana por excelência, o exercício da linguagem para aprimorar a vida em sociedade, ser capturada pela lógica produtiva. Como destacam Marazzi (2009) e Virno (2008), os dispositivos tecnológicos colocaram o agir comunicativo no centro da produção. Se na linha de montagem tradicional imperavam o silêncio e a concentração para a sincronização dos gestos, hoje a palavra tornou-se peça fundamental do processo produtivo.

O taylorismo e a produção just-in-time tornaram a informação indispensável, exigindo dos trabalhadores que pesquisem, interroguem e alinhem-se a caprichos, detalhes e valores sociais implícitos nos produtos que ajudam a vender.

1.9 - A captura e direcionamento dos pensamentos

Esta nova forma de vida provocou uma crise política, sentida tanto nos setores da direita quanto da esquerda. A direita caminha para um extremo onde se promete resgatar os valores ligados a uma suposta natureza das coisas, onde os valores simplistas, morais e fundamentalistas definem o que é ser homem ou mulher.

O racismo opera agora prometendo devolver ao homem branco uma suposta vantagem ou privilégio diante de um neoliberalismo que submete todos a um trabalho precário, não garantindo mais seu status social de tempos onde a escravidão e outras formas de opressão e domínio ligados à valores como Sangue e Terra (*Blut und Boden*), lhe garantiam uma forma de vida abastada:

O Manifesto Futurista de 1909 foi uma exaltação da potência sexual e a agressividade política, e o fascismo tirou sua força da mitológica virilidade de Mussolini. E mais, o fascismo histórico foi a expressão de um verdadeiro sentimento de pertença: o sentimento de comunidade se baseava na mitologia do sangue e a nação, mas a comunidade naqueles tempos era algo real, algo experimentado diariamente e que moldava profundamente o comportamento social. O retorno pós-moderno do fascismo se baseia em uma antropologia completamente diferente. A comunidade é apenas a memória nostálgica de uma pertença passada que já não existe. É lamento, não experiência viva. A vida social foi pulverizada no espaço metropolitano pós-político, desterritorializado, e a potência não é mais que um mito, um contraponto da presente impotência. A potência

sexual está em declínio, já que a população branca envelhece, e o estresse, a depressão e a angústia perturbam a esfera erótica (Bifo, 2021).

A Esquerda por sua vez, ao se deparar com as inúmeras derrotas acumuladas no século XX, depositou sua energia política, suas fichas de aposta no modelo de democracia liberal burguesa. A revolução proletária como forma clássica de luta da esquerda, teve sua maior queda com o fim da URSS. O socialismo “chinês” nacionalizado, ante as pretensões universais de libertação da opressão de todos os trabalhadores do mundo, já não é capaz de mobilizar a esquerda em torno de um programa, de um objetivo revolucionário em comum.

As lutas da esquerda se dão através da representação parlamentar, da inclusão de grupos minoritários em esferas de poder que antes lhe rejeitavam, e que agora fazem desta sua nova aparência, um espaço de inclusão e diversidade, sem modificar radicalmente as estruturas sociais.

2 - Operaísmo, autonomia e pós-operaísmo

2.1 - Antes, um PCI forte e combativo

O PCI foi o maior PC da Europa Ocidental, conduzido a primeiro momento por Togliatti, responsável pela divulgação dos manuscritos de Gramsci. Palmiro Togliatti teve a dificuldade em conduzir a política do PCI, pois era de conhecimento público o anúncio americano de grandes investimentos com o Plano Marshall, e por conta dos blocos que se formavam no pós-guerra, havia um equilíbrio tácito entre a URSS e EUA, em que um não arriscaria entrar em zona de influência do outro (Vacca, 2021). O partido *Democrazia Cristiana* (Democracia Cristã) - DC estava alinhado com os interesses de Washington, enquanto o PCI era pressionado pelo Komintern.

Esta tensão favoreceu a aproximação do PCI com a DC para buscar um caminho de independência para a Itália no bipolarismo da chamada Guerra Fria. Em contrapartida, este convite para a participação do PCI na institucionalidade (que nunca aconteceu) limitava e afastava o horizonte revolucionário.

Esta situação se estende até o enfraquecimento final do PCI nos anos 80 e 90. O PCI, embora, com Togliatti na liderança, tivesse ainda a revolução proletária e a ditadura do proletariado como um dos objetivos, teve de abrir mão deste horizonte à medida que via na aliança estratégica com a Democracia Cristã, uma possibilidade gradual e desenvolvimentista, de emancipar o trabalhador pela técnica e disciplina do conhecimento adquirido no trabalho. Tal perspectiva também se desenvolveu de modo mais ou menos parecido em países como França e a Inglaterra, isto é, a ideia de um Eurocomunismo, uma via socialista própria, que dialogasse com as forças internas do país, a burguesia, a classe industrial e a grande massa social cristã (Vacca, 2021).

2.2 - Quaderni Rossi: bifurcações e dissidências

O operaísmo italiano se inicia em 1960, com os *Quaderni Rossi*, grupo político que produziu uma revista periódica e outros grupos de esquerda extraparlamentar que nunca se proclamaram herdeiros das ideologias oficiais do movimento operário: trotskismo, anarquismo ou maoísmo. Já nos anos 70, os marginais, as mulheres e os

desempregados, os jovens e os trabalhadores clandestinos, produzindo bens e também lutas, negavam-se a acomodar como desejava o Partido Comunista Italiano.

A Itália daquela época se tornou o terreno de lutas sociais que propunham uma nova via, diferente na política, por fora dos partidos, mais próximos dos desejos individuais, dos problemas sociais, das aspirações específicas e concretas, sem delegação de poder nem representação. Esta realidade constitui o substrato do chamado operáismo italiano e a autonomia operária.

O marxismo italiano, como afirma Cesar Altamira (2008), foi por muito tempo desconsiderado, tendo referências pontuais à Gramsci, Galvano Della Volpe, Lucio Colletti. Altamira ainda comenta como a tradução para o inglês de autores como Mario Tronti aconteceu mais de duas décadas depois, e um dos obstáculos sugeridos pelo autor é que o uso permanente de diversos níveis de abstração fortemente aparentados com reflexões filosóficas - forma de marxismo atípica e diferente de outras escolas - acabam explicando, em seu conjunto, o vazio existente com relação ao desenvolvimento teórico e político dessa corrente de pensamento marxista:

Para além da originalidade de Derrida sobre a herança marxista, seus pontos de vista tornaram-se bastante relevantes: a concepção do marxismo como diversidade permitia discutir, ainda que não dentro de um registro pós-moderno, sobre *marxismos*, e não sobre *o marxismo*. Na verdade tal heterogeneidade estrutural remonta à obra do próprio Marx, à medida que este escreveu e expôs coisas diferentes (e nem sempre consistentes) em tempos diferentes; tal abordagem sugere que nem todas as leituras marxistas podem ser acomodadas de maneira coerente (Altamira, 2008, p.23).

Mas a originalidade da corrente reside na sua constituição como alternativa teórica à ortodoxia marxista predominante nos partidos comunistas, à teoria crítica produzida pela escola de Frankfurt, ao existencialismo humanista de Sartre e ao estruturalismo de Louis Althusser.

A Europa do segundo pós-guerra passa por um processo de internacionalização e crescimento do capital, que naquele momento melhorou o padrão de vida da classe trabalhadora, e houve grande entusiasmo da esquerda europeia pelas inovações tecnológicas e crescimento das forças produtivas. As rebeliões de Polônia e Hungria, os questionamentos à Rússia Soviética e a China Comunista, somado as experiências das economias mistas ou economias sociais, fez com que parte grande da esquerda

abandonasse o marxismo canônico, substituindo pela nova tese da transformação socialista.

O determinismo tecnológico funcionava como suporte as novas alianças dos partidos comunistas europeus que por sua vez estas alianças levaram a um abandono à tese da ditadura do proletariado. O conceito de trabalho produtivo se ampliava, alcançando técnicos, engenheiros e *staffs* de supervisores e tecnocratas do aparelho de Estado, os quais a partir da reunificação do movimento operário em um só partido tornavam inviável, social e politicamente a tese da ditadura do proletariado.

A esquerda comunista ensaiou uma transição pacífica para os socialismos democráticos, as lutas sociais de abertura às reformas estruturais ficaram relegadas à esfera dos sindicatos, únicos opositores no momento em que perdiam influência diante da reestruturação capitalista e o peso crescente dos trabalhadores sem qualificação e migrantes. Essas questões eram tão caras aos Partidos Comunista e Socialista Italiano, a ponto deles não tomarem parte em greves e revoltas de 68-69, permanecendo fieis ao intento de reformas estruturais, enquanto os salários e o trabalho pioravam nas fábricas, enquanto aumentava a produtividade.

Num contexto histórico em que aconteciam as lutas no terceiro mundo, a circulação de ideias de Frantz Fanon, Mao Tsé-Tung, a figura de Che Guevara, as questões sobre a luta armada; o operaísmo promove sua ruptura, promovendo um retorno ao Marx científico d'O Capital, priorizando a luta de classes e rechaçando o abandono do conceito de ditadura do proletariado.

O determinismo economicista que esquecia a luta de classes e privilegiava o desenvolvimento das técnicas e os avanços na produção eram rejeitados pelos operaístas, atraídos pelo comunismo chinês, pela revolução cubana e Vietnã comunista. Além de movimento social, o operaísmo é, sobretudo, uma escola de pensamento, e em sua Matriz Operaísta se fala das revistas *Quaderni Rossi* (1961) e *Potere Operaio* (1965), além da dissolução deste último grupo no que veio a ser a Autonomia Operária. Na sua primeira fase, o campo das lutas é centralizado na fábrica, e a segunda fase, as lutas se estende ao conjunto da sociedade, como bradava o grupo *Lotta Continua* “Direito à Cidade”.

O Operário-massa, o operário comum, sem qualificação, é a chave da luta contra o Estado na primeira fase do operaísmo, pois ele seria a unidade individual central da produção nas fábricas. A subjetividade teórica militante e o movimento de massas eram os elementos de construção leninista do sujeito político. A fábrica era o ponto de encontro e de luta dessa primeira fase.

Um grupo de dissidentes do PSI (Partido Socialista Italiano) e do PCI, no começo da década de 60, se reuniu e formou a revista *Quaderni Rossi*, entre eles estava Renato Panzieri egresso do PSI. Um objeto importante para os operaístas era a ideia de composição técnica e composição política de classe. Por composição política, entendia-se a luta contra a dupla tirania da racionalidade econômica e a divisão do trabalho, enquanto que a composição de classe tinha o mesmo papel do que a Hegemonia no comunismo italiano, que era compreender os desafios da classe operária na sua luta contra o capital

No operaísmo há dois conceitos (ou melhor, duas estruturas de pensamento crítico) que lhe parecem válidos: o primeiro é o da composição de classe, que permite analisar o desenvolvimento histórico da relação entre tecnologia e subjetividade e portanto vincular a estrutura do capital constante e a independência relativa do capital variável, ou seja, da força de trabalho, e caracterizar essa relação nas variadas formas que ela assume; o segundo conceito refere-se ao caráter cíclico das lutas, ou seja, ao descobrimento da célula produtiva do processo histórico de transformação da subjetividade e da instância tradicional. (Altamira, 2008, p. 16).

Panzieri rompe com o PSI e reivindica o retorno à plena e direta ação política da intelectualidade nas bases trabalhadoras como meio de superar a crise política da aliança do PSI com a Social Democracia. Panzieri morre cedo, em 64, mas deixa como legado os eixos que configurariam os temas centrais do operaísmo italiano, que era o estudo da relação entre classe operária e desenvolvimento tecnológico, que acabava por convergir suas expectativas e conclusões com ideias de desenvolvimento capitalista do PCI e PSI.

Na sua primeira contribuição ao *Quaderni Rossi* em 1961, Tronti buscou uma depuração marxista do marxismo, tentando dar conta das mudanças que a generalização da mais-valia relativa, sob a forma de capital social, havia forçado na sociedade capitalista. O operaísmo avançava na análise da relação entre luta de classes, desenvolvimento e formas de exploração. Tronti afirmava que a pressão da força de

trabalho é capaz de construir o capital ao modificar sua composição interna, intervindo no interior do capital como componente essencial do desenvolvimento capitalista, para Tronti, a relação social não está nunca separada da relação da produção, e a relação da produção se identifica cada vez mais com a relação social de fábrica.

Por sua vez a relação social de fábrica cada vez mais um conteúdo político. Quando toda sociedade é reduzida à fábrica, a fábrica enquanto tal tende a desaparecer. Ao que Tronti vai chamar de ‘fábrica social’.

Tronti ressaltava o caráter social do poder do capital, e se a fábrica moderna, não poderia ser remetida a fábrica clássica, pois já extrapolava os limites dos muros e encampava toda cidade e todos aqueles que empregavam sua força de trabalho para que produção acontecesse, o Operário-massa, se convertia em Operário-social.

Nessa perspectiva, o Estado se confunde com a figura do capitalista coletivo, razão pela qual o aparelho estatal burguês — assim como a fábrica capitalista — deve ser destruído. A partir dessa premissa, Tronti (1964) propõe uma reavaliação da classe operária: em sua luta contra o capital, ela não é mais entendida como um elemento externo, mas como parte integrante do próprio capital. Trata-se de uma classe trabalhadora que se volta para si mesma, reconhecendo-se para além do processo produtivo imediato e tomando consciência de seu lugar contraditório no interior do sistema que busca superar.

A incorporação da autonomia operária na teoria do desenvolvimento capitalista implicou uma nova forma de apreender e relacionar a luta de classes com o desenvolvimento da estrutura da divisão capitalista do trabalho. Essa divisão do trabalho era um ponto de divergência entre Tronti e Panzieri, pois quando se falava classe operária, costumava-se pensar no operário-massa, associado às grandes empresas e de trabalho manual.

Ao incluir os trabalhadores qualificados e também o trabalho necessário ao redor da fábrica que garante seu funcionamento, e também o trabalho doméstico das mulheres na reprodução do capital, a espontaneidade e diversidade da composição da classe operária deixavam de ser encarada como problema à unidade sindical e passava a ser bem vista, pela sua potencialidade de mobilizar não somente a fábrica, mas a cidade:

A abordagem dos recursos humanos pôs sob a pátina de uma classificação inspirada na relação de classe capitalista não implica afirmar a uma eternidade dessa abordagem, nem significa outorgar a esse poder social um caráter definitivo. O privilégio alcançado não está fundamentado em alguma razão ontológica essencial que confira prioridade à economia em detrimento do sexo ou do racismo, mas na subordinação a um sistema que exige que a sexualidade, o racismo e a própria natureza girem ao redor do benefício capitalista. Visto desse ângulo, a divisão convencional entre a velha classe política e os novos movimentos sociais parece, no mínimo, fora de foco. O capital, enquanto sistema de relações sociais, não só é inimigo dos movimentos que lutam por melhores salários, pela ampliação do tempo livre ou por melhorias nas condições de trabalho, mas também de todo movimento que pressione pela igualdade na diferença, pela paz e pela preservação da própria natureza. E não porque tenha sido esse sistema particular de relações sociais que criou o racismo, o sexismo ou a destruição ecológica, fenômenos cuja existência antecede ao surgimento do capitalismo, mas muito mais por abordá-los tão somente como oportunidades ou empecilhos para a acumulação. (Altamira, 2008 p.28).

A analogia que Altamira (2008, pp.138-154) faz com a revolução copernicana, do Geocentrismo para o Heliocentrismo, está na asserção de que as relações sociais de produção, ou relações de classe, são dependentes da relação de produção capitalista e determinantes no desenvolvimento das forças produtivas. Em *Lênin na Inglaterra* (1964) a classe é como o motor dinâmico do capital: de suas lutas contra o capital, surgem novas tecnologias para contornar e reorganizar os trabalhadores.

A classe operária oferecerá às relações sociais de produção uma tendência quase permanente para o conflito ficando em mãos do capital a capacidade para se auto-organizar, reagir e contornar as dificuldades manifestas. “Sem a pressão interna constante, não teria havido novos mecanismos, inventos, nem a progressiva incorporação da ciência às cambiantes condições de trabalho, a acumulação capitalista teria permanecido mais próxima a acumulação de castelos e joias do que de máquinas e equipamentos” (Altamira, 2008).

Dessa forma a acumulação capitalista não pode ser entendida como um mecanismo econômico dotado de algum grau de autonomia para geração de mais-valia, ela representa a única via para controlar e conter o antagonismo onde reside a produção da mais-valia. É nesse sentido que Tronti (1964) centraliza a luta operária dentro da concepção marxista.

2.3 - O grande maio de 68 italiano ou os anos de chumbo

Os anos de chumbo na Itália compreendem um período de intensas lutas travadas entre trabalhadores e patrões nos anos 1960, depois entre grupos autônomos e o próprio Estado, nos anos 1970. O movimento social iniciado na França, caracterizado pela união dos estudantes, trabalhadores, imigrantes, além da luta pela libertação das colônias sobre domínio europeu, inspira diversos movimentos mundo afora. Na Itália, costumou-se dizer que este movimento durou 10 anos, de 1968 à 78.

O caso Italiano tem a particularidades que merecem ser apreciadas de perto, tendo em vista a duração, sua combatividade e mudança quanto à forma de luta e organização tradicional praticada ao longo do século XX, incorporando novos elementos dado à necessidade de combater um capital que também passa por mudanças na década de 1970.

A Comissão Trilateral fundada por David Rockefeller em Nova York, em 1973 reuniu industriais, financeiros, políticos, jornalistas e professores do Ocidente capitalista, esta comissão ao fim elaborou um relatório intitulado *The Crisis of Democracy: Report on the Governability of Democracy* [A Crise da Democracia: Relatório sobre a Governabilidade das Democracias]. Este documento evidenciou a preocupação do capitalismo estadunidense com a crescente ingovernabilidade das sociedades ocidentais, onde uma multidão de não somente operários, mas negros, mulheres, estudantes, loucos, minorias sexuais; concluindo que se enxergava uma desordem se aproximando, causadas por um “excesso” de democracia *sic*, leia-se crise dos lucros e do poder (Tari, 2011, p.15).

A Itália, país fortemente industrializado, forte na indústria automobilística, acompanhou essas mudanças neoliberais, mudando sua forma de gestão, tamanho das empresas, a relação com os sindicatos e inserindo uma lógica em função do aumento da produtividade nas empresas. Tal lógica produtiva estimulava a competição entre os trabalhadores, enfraquecia os objetivos dos sindicatos e partidos da esquerda, esvaziando-os politicamente.

De 1968 à 73, a Itália foi palco de diversas greves e paralisações das fábricas e indústrias, sendo a fábrica da FIAT em *Mirafiori* e a cidade de Turim, principal foco da resistência do operariado, organizado ainda da forma tradicional marxista conhecida pelas experiências revolucionárias anteriores. Com a ascensão da figura de Aldo Moro,

o Partido Comunista Italiano foi considerado para compor base do governo Demócrata Cristão. Embora a esquerda institucional assumisse o governo, a esquerda grevista se via pouco representada, muitas vezes ludibriada pelas manobras políticas que acabava por afastar os quadros radicais do PCI e dos sindicatos.

2.4 - A autonomia italiana

Se antes a luta era travada entre trabalhadores e patrões, por melhores condições de trabalho, diminuição das jornadas e aumento salarial, essa luta se transfere num âmbito maior da sociedade civil, a partir do momento em que os partidos de esquerda de centro e os sindicatos passam a negociar as greves e lutas com a classe patronal, passando por cima da vontade dos grevistas.

A luta passa a encampar novos setores da sociedade e deixa de ser exclusiva ao operário de fábrica. O tão criticado *lumpen* proletariado, o desempregado, o estudante, as mulheres, homossexuais, negros e imigrantes se fizeram presente nas lutas que compuseram este novo movimento, conhecido como *Autonomia*.

As críticas deixam de apenas tratar das questões entre trabalhadores e patrões, dirigiu-se também ao seio da família proletária, da relação entre homens, mulheres e crianças, onde o ambiente confinado da fábrica com sua lógica produtiva foram comparados à escola, à prisão, à própria reprodução capitalista numa unidade familiar. As análises de Foucault sobre o poder saíram dos textos acadêmicos e tomaram as ruas.

Não só o trabalho, mas as formas de vida foram postas em análise. Não só o patrão que extrai o máximo de lucro de seus trabalhadores, mas também o machismo dentro de uma família operária, o filho estudante que era oprimido pelos pais, o filho homossexual ou trans, o imigrante que era rejeitado em sua vizinhança.

Uma proliferação de coletivos, grupos, jornais e revistas se intensificaram no período de 1973 à 1977, tendo a agora como centro importante a cidade de Milão, embora tenha logo se espalhado por todo país. Um clima de insurgência, de choque entre os poderes governamentais marcaram todo este período, também marcado pela repressão do governo, perseguição e prisão de lideranças, e resposta armada de setores mais radicalizados do movimento.

2.5 - Il compromisso storico

Na década de 1970, os partidos comunistas da Europa Ocidental articularam-se internacionalmente e decidiram cooperar com as sociais-democracias de seus países. Afastando-se do objetivo imediato da ditadura do proletariado, passaram a concentrar-se na análise conjuntural. Acreditavam que, assim, poderiam inclinar a balança a favor de reformas sociais e políticas de inclusão, ainda que dentro dos limites do capitalismo.

Contudo, um obstáculo real era a postura intransigente dos Estados Unidos, que via com maus olhos a influência e a popularidade desses partidos comunistas. A CIA frequentemente sabotava greves e protestos, buscando associar a imagem de "terroristas" aos movimentos autonomistas e insurgentes. Os partidos comunistas, por sua vez, não contradiziam essa narrativa e silenciavam perante a violência policial dirigida a esses grupos.

Este conflito aprofundou-se durante o Movimento de 1977 na Itália, quando diversos grupos autonomistas ocuparam e entrincheiraram-se nos centros urbanos. O Partido Comunista Italiano (PCI) condenou veementemente essas ações e, em certos momentos, chegou a exigir repressão policial. O receio era que a radicalização dos autonomistas pudesse manchar a imagem do partido e provocar retaliações por parte dos EUA.

A situação deteriorou-se definitivamente em 1978, quando o presidente Aldo Moro foi sequestrado e, após três meses de cativeiro, assassinado. As Brigadas Vermelhas foram apontadas como responsáveis, mas permanecem suspeitas sobre a possível participação de agentes infiltrados da CIA. Independentemente da autoria, as consequências foram drásticas: seguiu-se uma repressão massiva, com perseguição, prisões, tortura e exílio de lideranças, pondo fim a uma década de intensa mobilização social.

Muitos que viveram a época, como o ex-ministro Giuseppe Vacca, culpam os autonomistas pela derrota da esquerda na Itália. Argumentam que, ao radicalizar a luta com confrontos diretos, prejudicaram os planos de longo prazo do PCI e provocaram uma reação estatal desproporcional.

Nos anos 1990, esse vazio político foi preenchido pela ascensão de Silvio Berlusconi, um poderoso empresário de comunicação. Seus canais de TV, inspirados no modelo americano, passaram a ditar tendências musicais, moda e linguagem entre a

juventude. Sem propostas emancipadoras ou revolucionárias, essa influência midiática consolidou a vitória do conformismo sobre o idealismo das gerações anteriores.

3 - Bifo: das vanguardas modernas às máquinas linguísticas

3.1 - Um fascismo feito pelos humilhados cotidianamente pelo neoliberalismo

Berardi em *Asfixia* (2020) fala de uma Utopia Senil surgindo na Europa. Diferentemente da energia futurista em que o fascismo clássico se estabeleceu a Europa passa por um momento em que a extrema-direita, ainda tem o racismo, agora o medo do imigrante ao invés do antissemitismo, um sentimento de nacionalismo, embora não haja mais projeções para um futuro nacionalista, e a forma agressiva de agir. Embora tenha muitas semelhanças existe uma ausência de projeto de futuro como se pensava nos nazismos e fascismos clássicos.

Hoje esse regime ao qual Berardi se refere como *gerontofascismo*, se manifesta na população mais velha europeia, que não aceita a presença do imigrante, a circulação de sua cultura e valores nos seus países. Não mais o militar ou sindicalista jovem e raivoso no microfone, mas um apresentador de TV e dono dos meios de comunicação, como Silvio Berlusconi, ou o corretor de imóveis, Donald Trump, ou fora da Europa, vemos algo semelhante no Brasil, com Bolsonaro, que embora militar, não mais um General ou Coronel, e sim o militar de baixa patente, ou como o ídolo de Bolsonaro, o “Brilhante Ulstra”, um torturador.

A estética e linguagem utilizada pelos líderes fascistas com o desleixado Jair Bolsonaro e seu vídeo se esbaldando no galeto com farinha caindo sobre seu terno presidencial, ou a cena do café da manhã de pão com leite condensado, logo após uma cirurgia delicada em seu intestino, os palavrões em coletivas e *lives* transmitidas nas plataformas de redes sociais, seu temperamento explosivo diante de perguntas que o intimidassem e sua dificuldade de ensacar sua camisa de botão sobre o terno, até mesmo de abotoá-la; Donald Trump eternamente bronzeado artificialmente, com seu tom de pele laranja e seu trejeito de apresentador de *reality show*, vocabulário pobre, envolvimento com atriz pornô, que lhe causou uma condenação judicial, uma virilidade que precisa ser mostrada e afirmada, como o apoio do ex-lutador de luta livre o Hulk Hogan, onde no meio do discurso de campanha o ex-lutador idoso rasga sua camisa ao

esbravejar seu apoio, e o descabelado Javier Milei, com seus vídeos de campanha onde arrancando ferozmente papéis de um quadro, demonstra quais ministérios, como cultura, educação, segurança pública, ele pretendia extinguir após eleito.

Essa estética é intencional, criada com o propósito de fazer com que esses líderes tenham o fanatismo de uma parcela que não está ganhando na corrida da competição liberal, não se identifica com o discurso racional sofisticado e academicista de gestão neoliberal tecnicista, falando sobre juros, taxas, crescimento de PIB, discurso esse frequentemente adotado por uma Esquerda que caminha para este Centro político, de suposta neutralidade e grande razoabilidade.

A capacidade de capturar este clima melancólico, de frustração, de exaustão, o idoso ressentido, o homem branco pobre de classe média, mas também o pardo que não se reconhece como negro, ou até o negro que não se identifica com a luta antirracista, é o alvo das ações que sustentam esta estética e esta pobreza de linguagem, turbinadas por aplicativos e redes sociais, onde as mídias tradicionais e suas corporações jornalísticas fazem um grande esforço para atingir estas pessoas, que agora tem sua atenção capturada, se informa pelas redes sociais e se entretém por elas também. De uma jornada de trabalho cada vez mais precarizada, que toma maior parte de nossa energia e tempo, um deslizar de tela entre uma atividade e outra se tornou nossa fonte de cultura e experiência de humanidade.

Em *Asfixia* (2020), Berardi introduz o conceito de “utopia senil” para descrever um fenômeno político que surge na Europa contemporânea. Diferentemente do futurismo energético e expansionista do fascismo clássico, a extrema-direita atual — embora ainda marcada pelo racismo (agora direcionado ao imigrante, e não apenas ao antissemitismo), pelo nacionalismo e pela agressividade — carece de um projeto claro de futuro, como aqueles que caracterizaram o nazismo e o fascismo históricos.

Berardi identifica essa tendência como *gerontofascismo*: um regime de modelo autoritário, com aparente roupagem revolucionária, mas portador de ideias requeentadas pela ausência de direcionamento ao futuro, uma paradoxal “revolução conservadora”. Se antes o fascismo se personificava em militares ou sindicalistas jovens e inflamados, hoje seus representantes são figuras como Silvio Berlusconi — apresentador de TV e magnata da mídia —, Donald Trump — um corretor de imóveis que se tornou

presidente — ou, fora da Europa, Jair Bolsonaro — militar de baixa patente, e não um general, que tem como ídolo um torturador.

Esses líderes constroem uma estética deliberada da vulgaridade e do desleixo, que funciona como estratégia política. Bolsonaro, com seus vídeos comendo galeto com farofa sobre o terno, usando palavrões em *lives* ou exibindo dificuldade até para vestir uma camisa; Trump, com sua imagem artificialmente bronzeada, vocabulário pobre e associações com *reality shows* e escândalos sexuais; ou Javier Milei, arrancando papéis com fúria em vídeos de campanha — todos cultivam uma persona anti-intelectual, supostamente “autêntica” e próxima do “cidadão comum”.

Essa encenação não é casual: ela visa capturar o apoio de uma parcela da população frustrada com a competição liberal, excluída dos benefícios do neoliberalismo e cansada do discurso técnico, sofisticado e supostamente neutro da tecnocracia — muitas vezes adotado também por uma esquerda que migrou para o centro político. Seu alvo é o ressentido, o homem branco de classe média empobrecida, mas também setores que não se identificam com pautas identitárias ou antirracistas.

Essa estética da pobreza linguística e simbólica é amplificada pelas redes sociais e aplicativos, onde a atenção desses grupos é capturada e moldada. Em um contexto de trabalho precarizado e exaustivo, o “deslizar” de tela entre uma atividade e outra se tornou não apenas fonte de informação, mas também a principal experiência de cultura e humanidade para muitos — terreno fértil para a proliferação desse novo tipo de projeto autoritário, sem utopia, mas com profundo impacto real.

O pós-humano chegou e está diante de nós:

O mundo como o conhecíamos está desaparecendo. O poder político não pode fazer nada contra algoritmos. Agora, o fascismo como o entendemos hoje não é assim. É outra forma de fascismo. É uma violência, uma agressividade, uma psicopatia agressiva desesperada que destrói a democracia, pois não resolve as condições básicas da vida. Como ela não satisfaz o suficiente, destruimos a democracia. O fascismo do século XX nasceu em uma condição de expansão imperialista e econômica. Era um fascismo dos jovens, de uma pequena burguesia vital, agressiva, exuberante. O fascismo de hoje eu defino como *gerontofascismo*, porque a possibilidade de expansão acabou, o sentimento principal é de exaustão, de depressão senil. Aqueles que votam pela direita também são jovens, mas poucos; a maioria está na casa dos quarenta, cinquenta ou mais. O fascismo do século XX propôs a colonização da África, agora são os africanos que

vêm para a Europa e não o contrário. Não se trata de euforia colonialista, trata-se de medo de invasão. (Bifo, 2022).

Antes o fascismo histórico era repleto de militares, ex-sindicalistas, que exaltavam um período mítico, clássico, o músico Wagner em seu antissemitismo precursor, os intelectuais futuristas como Marinetti embarcando nesta experiência moderna, um apelo estético que envolvia a estilista Coco Chanel, toda uma pretensão estética e linguística, que era jovem e entusiasmada com o futuro. Agora estamos diante da ascensão do *Homer Simpson* ao poder. Homens de pouca leitura, pouco interesse em sua cultura nacional, vocabulário esdrúxulo e uma estética intencional, racionalmente planejada para aparentar espontânea. O novo fascismo é feito por pessoas deprimidas e esgotadas, que nutrem um desejo de vingança:

A autonomia das mulheres foi a ameaça definitiva ao poder masculino e alimentou um sentimento reprimido de vingança machista que irrompe cada vez mais, muitas vezes, em atos de violência. A demografia transformou a paisagem antropológica e social de nosso tempo: a senilidade, a solidão e o vício em psicofármacos estão levando os homens brancos do mundo Ocidental ao caos mental, o autodesprezo e a agressividade. O novo modelo de fascismo não surge de uma euforia futurista juvenil, mas de um sentimento estendido de depressão e de um impotente desejo de vingança. (idem, 2022).

Ao se deparar com novas formas de autoritarismo, o conceito fascismo é evocado, e utilizado para classificar governos, governantes, políticos de uma forma geral. Mas o historiador, ou pesquisador das ciências humanas, ao comparar com o fascismo histórico, aquele movimento iniciado no período entre guerras, que tomou suas formas clássicas na Itália e na Alemanha, se depara com incongruências quanto ao que se entende pelo termo. O neoliberalismo seria uma nova etapa autoritária do Capital, onde a criação de uma nova forma de sujeição dos indivíduos cria novas personalidades autoritárias, que não mais se classificam naquelas elaboradas pela Escola de Frankfurt.

A grande humilhação sofrida pelos alemães com o tratado de Versalhes, com sua rendição e sanções impostas aos derrotados, criou uma massa de ressentidos, de sujeitos marginalizados, que encontraram num dos soldados derrotados sua voz e sua esperança de reviver os tempos heroicos do Império Germânico.

Hoje a humilhação acontece cotidianamente no trabalho precarizado, onde milhares de trabalhadores adulam seus patrões em tarefas mal remuneradas, sofrem com os grandes engarrafamentos das cidades, e tem pouco tempo para o lazer. Esses mesmos trabalhadores depositam em líderes políticos esperança da vingança prometida, líderes que prometem ou encenam uma identidade constituída por potência e virilidade, diante da castração diária do trabalho; velocidade, perante a morosa saga do deslocamento ao trabalho; e uma unidade nacional, de um sistema capitalista cada vez mais desterritorializado e deslocalizado.

3.2 - O dinheiro é linguagem

A globalização como consequência do avanço capitalista sobre a superfície terrestre tende a acelerar sociedades, buscando sincronia nos processos produtivos, uniformidade e conformidade e após o capitalismo ter tomado conta do espaço geográfico, se direciona à colonização do tempo.

Ao conquistar o espaço físico por completo, ela se expande no espaço virtual, o espaço *ciber*, que é produzido e compreendido pela força da mente. Uma mente global virtualizada em expansão abriga conteúdos e informações infinitas. O mercado e a produção não acontecem mais no chão da fábrica e no solo da terra, ele avança para a circulação do dinheiro.

Novamente; o dinheiro, Berardi (2020) nos lembra, é linguagem. A linguagem dotada de confiança. A circulação deste dinheiro é a maior fonte de renda dos grupos econômicos que repartem o mundo conforme seus desejos. E quanto mais veloz a circulação, mais dinheiro é produzido. Esta mente artificial capaz de criar o universo virtual se depara com os limites da mente orgânica, a mente de um indivíduo, que atribui sua confiança, atribui significado e sentido ao que se produz. Deste encontro ela produz mais-valor, e o capital suga sua energia até a exaustão.

Diante deste cenário lidamos também com uma crise na intelectualidade, onde paira uma enorme descrença política, pois a decepção com os representantes políticos da esquerda, que é historicamente cooptada pelos grupos financeiros, é um grande

sintoma da limitação desta forma de luta. Pode-se dizer que a importância dada às redes sociais e aos automatismos linguísticos, se justifica por este espaço virtual ter se tornado o campo de embate da esquerda *vs* direita.

A história tradicionalmente opera diante de documentos e tempos recuados, mas a necessidade de dar uma resposta às questões sobre os autoritarismos, as mudanças no trabalho em sua compreensão formativa e aos desafios e instabilidades causados pelo fim das políticas de bem-estar social, o fim da seguridade social, o avanço das máquinas sobre a própria constituição humana, retomando a imagem distópica do homem-máquina (o androide) ou robô, às questões filosóficas sobre o trabalho colocadas pelo avanço tecnológico sobre o corpo humano, a bioinformática, a epidemia de doenças mentais diante de um operariado cognitivo exausto, encontram fortuna crítica em Franco Berardi e nos pós-operaístas.

3.3 - É ilusória a fé numa tecnologia “a”política

A crítica que repousa para esta esquerda que atua e milita no âmbito virtual é algo que os operaístas italianos perceberam nas décadas de 50 e 60, quando ao repensar a produção, o capitalismo e a organização dos trabalhadores, perderam certa inocência em relação às máquinas.

Elas, as máquinas, não são simplesmente um desenvolvimento tecnológico neutro, apolítico, fruto do avanço e domínio da inteligência humana sobre a natureza, mas uma forma de dominação do capital sobre a produção e organização dos trabalhadores.

Diante das diversas lutas contra precariedade, muito se fala dos trabalhadores de aplicativos tanto de entrega, quanto de viagens, plataformas com serviço de streaming, pornografia e demais serviços. Mas é preciso perceber que nossas atividades nas redes sociais, compartilhando dados, fotografias, memórias, momentos privados, também constitui uma atividade a qual não somos remunerados, mas que gera informação para as *big techs*, que no caso famoso da *Cambridge analytica*, percebeu-se o uso político e

econômico destes dados para determinar eleições, ações de marketing e até pode ser usado por empresas como forma de maximizar seus lucros.

Reconstituir a história do operariado italiano, de seu início à autonomia operária (ou pós-operariado), mostra-se uma oportunidade rica em debates para pensar a atualidade do pensamento marxista, ou ainda neo-marxista, no que se pode compreender desta relação operário *versus* máquina. Se antes havia correntes que depositavam a esperança da revolução no conhecimento e disciplina adquiridos pelo operário no manejo da máquina e no avanço das tecnologias, estes neo-marxistas italianos vão apontar este aspecto como o maior dos enganos. As máquinas vêm na verdade para desfazer organizações operárias, enfraquecer a luta sindical; e seu compromisso é primordialmente a maximização do lucro, sem necessariamente ter como objetivo trazer conforto, segurança para o trabalho e maior disponibilidade de tempo para o lazer.

3.4 - As máquinas rouba-nos tempo, ao invés de trabalhar para nós!

Nunca se houve tanto tempo economizado possibilitado pelo avanço da técnica, basta se pensar comparativamente no tempo de uma viagem a cavalo, e o tempo encurtado pelo automóvel, ou numa mesma distância navegada, em comparação a uma viagem de avião. Porém o que constatamos na sociedade é o aumento da fome de tempo, a epidemia de depressão, de *burnout* (fadiga), a existência do homem multitarefa, o excesso de atividades provocadas pela mesma máquina que facilitaria nossas vidas.

A frase “tempo é dinheiro” nunca foi tomada de forma tão radical. A escassez, princípio da economia, atingiu nosso fragmento de tempo: a atenção. Há uma escassez ou economia da atenção, e as *big techs* sabem disso muito bem. Minutos numa fila de espera são capturados por um leve deslizar de tela nas diversas redes sociais e aplicativos. Estes por sua vez, cada vez mais tomados por publicidade e propagandas, estímulo de consumo, conselhos para uma vida *fitness*, todo um aparato para não simplesmente vender mercadorias compreendidas como objetos, mas a mercadorização dos estilos de vida. O fetiche da mercadoria atinge seu estágio máximo.

Bifo tem esta formação política conhecida pela experiência das derrotas, amarguras, pela inovação na organização e luta do movimento autonomista, assim como o horizonte de expectativas que o movimento gerou, marcou profundamente sua visão teórica.

3.5 - Uma juventude cansada

Ideia central do ensaio de Bifo (2019) é comparar o *Zeitgeist* depressivo deste novo século ao espírito futurista que permeou no século XX, marcado pela crença no futuro. Até 1968, o futuro era imaginado de forma eufórica, porém algo se quebrou na esfera psicossocial e o sentimento predominante é de melancolia nesse fim de século XX e do tempo que vivemos: A ferocidade matemática da economia penetrou a linguagem e invadiu todos os aspectos da vida social, queremos destruir tudo, incluindo as condições necessárias para nossa própria sobrevivência. (Berardi, 2019, p.9).

O objetivo é reconstituir a trajetória do “futuro” durante os 100 anos que nos separam da publicação do primeiro manifesto futurista italiano. Contar como a percepção sobre o futuro mudou ao longo do séc. XX. O futuro não acabou, mas já não somos capazes de imaginá-los.

O início do século XX, de suas últimas décadas com a vida moderna da boêmia francesa e sua vida intelectual e literária, a efervescência de uma geração artística entusiasmada com o crescimento das cidades, a maior presença das máquinas e o aceleramento da produção, da vida cultural e social, e suas décadas seguintes veem o surgimento do cinema e do automóvel, redesenhando as paisagens em estradas, pistas, dinamizando o transporte, dentro dessas vanguardas, os Futuristas, presentes nas décadas de 1900-1910 e 1920, segundo o autor, são a expressão fundamental para entender o século que mais acreditou no futuro.

O manifesto futurista de Marinetti é considerado por Bifo (2019, p.7) a primeira declaração consciente de um movimento que se espalharia pela Europa com o nome de vanguarda. O primeiro ato consciente do século que acreditou no futuro.

A máquina, a velocidade e a guerra eram os objetos de culto e adoração dessa vanguarda. Muitos dos que estavam nos movimentos de vanguardas, eram jovens que vinham para as grandes cidades estudar, terem uma formação para um ofício, e ao chegar se encantavam com a diferença da vida rural que tinha com suas famílias. O

processo de deslocamento das massas do campo para a cidade causou uma grande excitação que possibilitou o aparecimento das vanguardas.

As vanguardas exerceram influência direta e profunda sobre o processo produtivo sobre a projeção industrial e sobre a criação do ambiente urbano. Da intensa transformação da vida urbana às grandes ações do poder público, nota-se este fascínio.

As reformas urbanas alargaram as avenidas, alamedas e galerias; a vida cotidiana profundamente alterada pela multiplicação de habitações, divisões em distritos e bairros, com toda sua complexidade e riqueza de lugares e descobertas, expostas nas vitrines das lojas, nas ribaltas dos cafés e cabarés literários, experimentado por Charles Baudelaire em seus poemas, a presença das multidões trabalhadoras na cidade e seus perigos como também retrata Edgar Allan Poe, mas também a multiplicação de partidos, a reunião de trabalhadores em sindicatos e associações,

Entre os muitos movimentos que povoaram o mundo diversificado das vanguardas do século XX, o futurismo é o que expressou sua utopia com maior violência e extremismo. Os futurismos russos e italianos foram os mais envolvidos na inovação formal, linguística, midiática e política.

No mesmo ano que Marinetti publicava o manifesto futurista, Henry Ford introduzia sua primeira linha de montagem numa fábrica em Detroit, EUA. “O que é uma linha de montagem? É uma tecnologia concebida pelo engenheiro Charles Taylor com a finalidade de possibilitar o trabalho coordenado e sincronizado de um número considerável de operários [...] A intervenção dos operadores humanos é recomposta pela máquina que unifica seus movimentos sucessivos até possibilitar a produção do objeto: o automóvel, por exemplo, que constitui a grande inovação da indústria mecânica do novo século. (Berardi, 2019, p. 14)

Não é por acaso que o futurismo explode na Rússia e Itália. Por estarem à margem do mundo europeu industrializado o sentimento e desejo de avanço se manifestava nas artes. Países onde as tradições culturais e política, o respeito e adoração pelo passado predominavam sobre o modernismo. Não somente como reação ao subdesenvolvimento, mas como ativador de uma energia estética que se propagou na Europa. Uma fé no futuro típica do capitalismo moderno.

3.6 - A máquina redentora é um sonho do passado

A máquina está no centro do imaginário futurista. Aqui luta a máquina externa, metálica, pesada, volumosa que difere da máquina atual, que é nano, bioinformática e atômica. E o que significaria máquina? “É o que se concatena. Uma concatenação de entidades (metais, líquidos, conceitos e formas) que funcionam com determinada finalidade” (Berardi, 2019, p.16). A máquina do futurismo é a externa. Devemos repensar a máquina de hoje, pois atualmente, a máquina está em nós. Bifo vai além e afirma: “a máquina atual é semiótica: a rede como concatenação que torna possível uma deslocalização dos processos produtivos.” (Idem, pp.17-18).

Passamos de um regime disciplinar a um regime de controle por isso o corpo-mmente deve ser regulado normativo, legal e institucionalmente, para em seguida ser submetido ao ritmo das máquinas concatenadas. A máquina diante de nós, esta é a situação diante da sociedade disciplinar. Já na sociedade de controle, a máquina está dentro de nós.

Os corpos não podem se relacionar nem a mente se expressar sem o suporte técnico da máquina biopolítica. Por isso não é mais necessário o disciplinamento político, legislativo, violento e repressivo. A máquina se faz signo (símbolo) e torna o automóvel obsoleto, pois o espaço é suprimido em uma temporalidade espontânea e deslocalizada.

O manifesto exalta enfaticamente a velocidade como novo valor estético destinado a enriquecer a magnificência do mundo. A intensificação do gesto produtivo do operário aponta para uma aceleração social desejada. A principal noção da economia moderna é a produtividade, que significa a quantidade de produto por unidade de tempo. O incremento da produtividade se dá em função da aceleração do gesto produtivo. O filósofo chama atenção para o debate entre a mais-valia absoluta e a mais-valia relativa em Marx: aumentar capital empregado e trabalhadores, aumentar a jornada, absoluta. Aumentar a produção por tempo, ou seja, acelerar.

A velocidade transferiu-se da máquina externa para o âmbito da informação, transformando-se em automatismo psicocognitivo. A informação e sua circulação é que toma a atenção da produção da tecnologia, e a esta velocidade e instantaneidade estão dedicados os esforços acelerativos: “É um futuro amedrontador ao invés de promissor

que aguarda essa geração, precarizada e altamente conectada – a primeira a ter aprendido mais palavras de uma máquina do que de uma mãe” (Berardi, 2019, p.8).

Quando cada milímetro do espaço terrestre havia sido colonizado, iniciou-se a colonização da dimensão temporal, ou seja, do vivido, da mente, da percepção. A criação do universo virtual, o *ciber*, nos leva a esta circunstância onde este infinito ‘Ciberespaço’ é limitado por nosso ‘Cibertempo’. O primeiro infinito, pois é a acumulação de dados (*megabytes, gigabytes, terabytes*), o segundo limitado pela condição humana de compreender e interpretar tais dados:

No ponto do cruzamento e de tensão entre a expansão do ciberespaço e os limites do *cibertempo* estão em jogo a sensibilidade, a empatia e a própria ética. A sensibilidade é a faculdade que possibilita a compreensão empática. É a capacidade de compreender intuitivamente o continuum da vida que não pode ser traduzido em simples signos. A sensibilidade é a capacidade de interpretar signos não verbais, graças à capacidade de interpretação que provém do fluxo empático. Essa capacidade, que permitia à raça humana compreender mensagens ambíguas no contexto da relação, está certamente arrefecendo e, talvez, desaparecendo. Submetida à aceleração infinita do *infoestímulo*, a mente reage na forma de pânico ou de dessensibilização. Parece que está se constituindo uma geração cuja competência sensorial está reduzida. A habilidade de compreender empaticamente o outro, de interpretar sinais que não tenham sido codificados segundo um código de tipo binário, torna-se cada vez mais rara, frágil e incerta (Berardi, 2019, p. 20).

3.7 - Se o dinheiro é linguagem, o futuro também

O futuro é um efeito de linguagem, e os êxitos de pôr ideias em prática no século XX, no ambiente da cidade diferentemente do ambiente predominantemente rural do século industrial, o XIX. “O futuro não é simplesmente uma dimensão natural da mente humana, é uma modalidade de percepção e de imaginação, de espera e de avanço, e essa modalidade se transforma no curso da história” (Berardi, 2019, p. 21). Esta deslocalização territorial é fundamental para aquela questão do por que o século XX e não o anterior XIX é considerado o auge do futurismo.

A modernidade não se limita a acreditar na existência do futuro, na continuidade de um tempo que se segue ao tempo presente. Os modernos acreditavam que o futuro seria confiável, esperava-se do futuro a realização das promessas do presente. Não colocamos em dúvida a existência física do futuro, mas questionamos algo que era óbvio nos sécs. XIX e XX, que futuro e progresso não são mais equivalentes.

3.8 - Para os futuristas, moderna era máquina que subjugava a natureza

Modernos são aqueles que vivem o tempo como esfera do progresso rumo à perfeição ou, pelo menos, a uma condição cada vez melhor, mais feliz, mais rica, mais plena, mais justa. A modernidade nasceu a partir da derrubada da visão teológica do presente e do futuro como tempo de Queda. Apenas no humanismo o tempo histórico se tornou acumulação de saber e de potência, o futuro apareceu como progresso. O historicismo Hegel-marxiano aprofunda isso. “O futuro como o domínio da razão sobre a realidade” (Berardi, 2019, p.22).

Um dos objetos de culto dos futuristas era o automóvel, que encarnava um apelo estético superior a qualquer obra de arte:

Tendo criado carros enormes, bufantes, velozes e muito mais potentes que os monstros míticos da Antiguidade, os homens parecem tomados por um terror sagrado e põem em cena rituais de submissão à máquina ou se exercitam em exaltações da nova beleza, a beleza da técnica, a beleza da velocidade e do automóvel! (Berardi, 2019, p. 24)

O automóvel e a potência são sintomáticos daquele início de século. Em outros trabalhos, entrevistas e livros como *Heroes: suicide and mass murderers*, Bifo (2021) debate mais este ressentimento e humilhação trazidos pela impotência vivida na pós-modernidade, e como reflete este sentimento presente nos movimentos fascistas: no Brasil um senhor idoso que em vídeos que circulam na *internet* no qual fazia questão de fazer flexões muito malfeitas em público e bradar o lema de ser “imbrochável, incomível e imorrível” *sic*.

Pode soar irônico ou como gozação o uso de tais símbolos, mas é inegável que este apelo teve efeito em seus seguidores mais fiéis, tendo em vista a faixa etária dos que participaram dos movimentos em tornos dos quartéis militares, invadiram a capital no fatídico dia 8 de janeiro e foram presos. Tanto idosos, fora do ritmo acelerado do capitalismo, quanto os ressentidos de uma forma geral, homens brancos que acreditavam que triunfariam neste sistema, mas se veem fracassados e submetidos a um trabalho precarizado e exaustivo: “aqui estamos nós, presos no trânsito, voltando do trabalho, onde o chefe nos açoitou com seu chicote poderoso babando em cima de nós com sua barriga obesa que sai das calças” (Berardi, 2019, p. 25).

Marinetti destaca o ímpeto místico do macho que penetra: “Queremos celebrar o homem que segura o volante, cuja haste ideal atravessa a Terra, lançada a toda velocidade no circuito de sua própria órbita” (Marinetti *apud* Berardi, 2019, p. 24). Na modernidade a técnica é compreendida como a força de domínio sobre a feminilidade: fraqueza, fragilidade, ternura e submissão. A terra é feminina, enquanto a técnica masculina. A toxicidade na natureza atual teve esse machismo modernista como motor.

3.9 - O mundo ultrarrápido e a abolição do espaço

Outro efeito decorrente da velocidade e da técnica é a abolição do espaço⁸. E não apenas na guerra, mas como na política e na economia, a competição e velocidade garantem a vitória, pra os que atingem mais rápido seu eleitorado, para os que descobrem informações e falcatuas dos seus adversários, para os que têm segredos e informações que os ajudem a comprar e vender ações e quando a informática se funde com a telefonia, tudo torna-se em tempo real, velocidade absoluta, copresença de todos os lugares⁹.

3.10 - Uma modernidade masculinista

Bifo (2019) ainda destaca que o desprezo pela mulher como elemento da modernidade é algo marcante aos futuristas italianos, mas a ironia contida nas primeiras guerras é algo que azeda esta imagem do homem cavaleiro e viril: “A guerra não é mais cavalheira, tornou-se extermínio de mulheres, velhos e crianças, feito por exércitos profissionais. A guerra do século XX é o fim da cavalaria e da coragem masculina” (Berardi, 2019, p.27).

Não apenas homofobia, mas endurecimento da esfera sensual, imitação muitas vezes farsesca, das civilizações guerreiras. É como a memória histórica fascista opera

⁸ Velocidade e potência são a mesma coisa na guerra moderna. Nela vence quem chegar primeiro. Hitler vencia a guerra até 1942 porque tinha criado uma estrutura de transporte mais veloz que a do exército francês. Guerra relâmpago. Depois chegaram os aviões norte-americanos, mais velozes ainda (Berardi, 2019, p. 25)

⁹ Estende-se ao amplo espaço que o suspende correndo sobre o tempo dos séculos da história na eterna velocidade onipresente. Eterna e onipresente. Há algo nessas palavras que nos faz pensar no tempo real, na instantaneidade eletrônica, no período pós-industrial, como um *flash* que consegue ultrapassar toda a história de realizações do século XIX para atingir a imaginação cibercultural, que toma forma no final do século que acreditou no futuro, último avatar do futurismo, último ato de fé no futuro. Última utopia (Berardi, 2019, p. 26).

sobre esta nova identidade masculina ao buscar nas civilizações guerreiras o sentido do que é ser “homem”, o homem frugal, conectado a um suposto estado de natureza, disposto a perder a vida pela honra, pronto ao combate.

O futurismo russo também sonhou com o futuro, mas de forma diferente do italiano. Diante das dificuldades do presente, Maiakovski bradava a necessidade de arrancar alegria ao futuro. Maiakovski se mata ao se desencantar com a revolução russa¹⁰.

Outro aspecto de masculinidade do futurismo pode ser apreciado na visão de Lênin, que segundo Bifo (2019, pp. 36-38) interpreta uma corrente profunda do psiquismo masculino moderno. O narcisismo masculino se confronta com a potência infinita do Capital e sai desse confronto transtornado, humilhado e deprimido:

São os anos da reviravolta bolchevique, os anos de *O que fazer?*. Krupskaja teve um papel essencial nas crises do companheiro. Interveio para filtrar suas relações com o resto do mundo, para providenciar as terapias, o isolamento, a clínica suíça e a finlandesa. Lênin saiu da crise de 1902 escrevendo *Que fazer?* E empenhando-se na construção de um ‘núcleo de aço’, um bloco de força capaz de romper o elo frágil da corrente (Berardi, 2019, p. 38).

A expressão “desprezo pela mulher” era entendida pelos futuristas italianos como a necessidade de se libertar da fraqueza, da ternura, enfim, daquilo que é feminino, porque isso constituía um obstáculo para a afirmação de potência, da agressividade, indispensáveis para a modernização. No futurismo soviético também havia a exaltação à agressividade, a impetuosidade juvenil e romântica, e mais precisamente, do dispositivo conceitual da dialética histórica de origem marxista. Maiakóvski, o poeta russo entusiasta da revolução, escrevia sobre o amor:

Pelo historicismo dialético marxista e leninista, a geração do novo implica uma violência necessária, um rompimento daquilo que impede a manifestação do futuro. No entanto, no futurismo russo essa necessidade de violência não parece contaminar profundamente a linguagem nem o modo de viver a relação com o outro e, acima de tudo, a relação com a mulher. O desprezo pela mulher da qual fala o futurismo italiano é o desprezo do princípio feminino. E isso está

¹⁰ No futurismo russo, há uma riqueza de tons e uma ironia de sotaques que no italiano não existe. Os futuristas italianos atuam com brutalidade, proclamam a violência exaltando a guerra, enquanto os futuristas russos falam da violência em termos históricos e dialéticos (Berardi, 2019, p. 26)

muito distante dos futuristas russos. Se o italiano tem uma vocação machista nacionalista e agressiva, o futurismo russo tem uma vocação internacionalista, afirma o valor solidário da luta de classes e uma ideia libertária e igualitária entre os sexos (Berardi, 2019, p.39-40).

Os proletários/

chegam do comunismo/

do fundo das minas, foices e forcados.

E eu,/

do céu da poesia,/

despenco rumo ao comunismo.

Porque/ sem ele/ não há amor pra mim.

(Maiakovsky *apud* Berardi, 2019, p. 40).

A vida dândi do poeta russo se diferenciava de Marinetti, que escreveu um livro cujo título petulante era *Como seduzir as mulheres*, centrado na ideia do macho conquistador. Na cena do futurismo russo isso era diferente, “Maiakovsky brinca e joga com o amor e, no entanto, soube também sofrê-lo. Mas o seu amor é sempre parte de uma aventura existencial coletiva”. (Berardi, 2019, p. 41).

3.11 - Klébnikhov e a linguagem sem palavras

Outro grande poeta futurista é o Klébnikhov. Ele é o poeta que junta seus poemas num travesseiro o qual dormia sobre, e diante de uma abordagem revolucionária num trem, com soldados gritando que iam incendiar os trilhos, joga os poemas na fogueira revolucionária. O poeta Klébnikhov quis aprender a linguagem que a torna

capaz de mudar o mundo, e foi dessa energia futurista, fortemente influenciada pelo simbolismo (movimento que experimentava com a musicalidade das palavras) que este poeta concebeu a fusão entre o poeta e povo, a linguagem e o acontecimento. A palavra produziu o seu acontecimento e, a essa altura, pôde se queimar¹¹.

Esta é considerada a revolução semiótica que antecipa o futuro. Uma comunicação que dispensa a linguagem. O envio de uma mensagem transmental, que dispensaria o intermédio da linguagem, no fim do século XX está na ideia da realidade virtual:

O que seria significado? O que seria o referente? E como pode o signo referir-se a um referente? Saussure nos explica que a língua tem um caráter arbitrário e convencional. Não existe uma razão ontológica pela qual a palavra ‘árvore’ signifique aquela coisa que sabemos, tanto é verdade que em inglês se diz de outra maneira. A palavra tem uma relação convencional com seu referente. (Berardi, 2019, p. 45). No final dos anos 1980, Jaron Lanier conseguiu realizar a tecnologia do *Data Glove*, graças à qual é possível sentir uma bolinha que não existe por uma luva que envia à ponta dos dedos estímulos nervosos que a bolinha de pingue-pongue produziria se estivesse ali realmente. Jaron Lanier fala da realidade virtual como uma forma de comunicação sem símbolos, uma comunicação que se efetua sem sinais portadores de significado. Não digo pra você a palavra “gato”, mas envio ao seu cérebro estímulos que permitem ver ou perceber a existência de um animal que mia, tem olhos verdes e ronrona. Essa é a realidade virtual (Berardi, 2019, p. 47-48).

É nessa fronteira em que Maiakovsky vai elaborar sua poesia, a poesia que traduz o sentimento das ruas, do povo, da cidade. A poesia se aproxima cada vez mais do cotidiano e nela se mistura e pretende afetar a realidade. Este gesto ou intenção, que foi elaborado pra evocar a revolução e transformar a vida das pessoas, acaba sendo capturado pela publicidade¹². Por sua vez, a publicidade surge da poesia e da militância,

¹¹ Em 1919 Khlébnikov declarou sobre seus poemas: ‘Eu quis descobrir os infinitesimais da linguagem’. Ele quis descobrir as moléculas que compõem a potência produtiva da linguagem. Nunca permaneceu na superfície referencial da palavra, mas quis aprender da linguagem o que a torna capaz de produzir, a sua potência química que muda o mundo. Khlébnikov fala de linguagem transmental ou *zaiúm*, que, para ele, significa uma língua capaz de evocar mesmo não se referindo a nenhum referente. Uma língua que está além da potência referencial da linguagem. (Berardi, 2019, p.44).

¹² A cidade é o laboratório no qual nasce a escrita da vanguarda, seu estilo, seus modos de comportamento, sua gestualidade e seu tom de voz. Mas, ao mesmo tempo, o poema quer ir pelo mundo, invadir a cidade, fazer parte dela, ser hieróglifo que trepa pelas fachadas dos edifícios e dos trens. A poesia quer projetar e criar o futuro. O produto da poesia e da arte gráfica é justamente a cidade futura. O

e incorpora esta intenção de se misturar ao cotidiano e através da palavra afetar e atingir o mundo: O *advertising* surge separando-se da poesia, mas sugando seu sangue.

A guerra de persuasão e da conquista comercial está destinada ao campo de batalha da atenção coletiva. Na comunicação publicitária, a velocidade agressiva do movimento é essencial. A mensagem publicitária precisa transferir o máximo de conteúdo no menor tempo possível (Berardi, 2019, p.55). Se o futurismo russo imaginava e clamava por uma linguagem capaz de tornar o mundo autônomo, libertário e cosmopolita, o leninismo para Berardi (2019) foi uma experiência contrarrevolucionária, pois extinguiu a pluralidade dos soviets (sindicatos e coletivos), centralizando e unificando as linguagens:

A chamada revolução comunista foi na realidade um fenômeno essencialmente reacionário. Bloqueou a dinâmica política que a organização autônoma dos operários rebeldes tinha desencadeado em todos os países da Europa [...] A busca formal inovadora é substituída pela propaganda do regime totalitário. Na publicidade aconteceu algo semelhante. A dinâmica inovadora da vanguarda foi filtrada, assumida, com a ação, após ter sido submetida ao culto da identidade nacional-popular, que se traduz na linguagem da mercadoria. Publicidade e propaganda política tem uma longa história em comum. (Berardi, 2019, pp.56-57)

Foi neste momento de stalinismo em que os *budetliáne*, (os poetas futuristas russos) foram marginalizados e reprimidos, submetidos a uma disciplina humilhante num conformismo repressivo em nome da retórica do trabalho. Berardi (2019) nos conta como Maiakovsky passava dias e noites produzindo cartazes publicitários para exaltar os produtos do trabalho socialista e onde se produziam os manifestos gritantes, onde o proletário varria com a vassoura os capitalistas com chapéus de estrelas e faixas (2019, p.58).

A publicidade trabalha com a retórica, com o convencimento, e os governos e regimes da época se utilizam largamente delas, seja para louvar o trabalhador obediente, ou inculcar a ideia de nação, ou incitar a nação contra o inimigo comum¹³. A linguagem

futuro não é exterior à poesia, não é a dimensão temporal da qual a poesia quer nos falar. O futuro é o objeto da própria ação linguística. O futuro é um efeito de linguagem (Berardi, 2019, p.52).

¹³ Há uma relação direta entre utopia e o terror. O terror é o regime linguístico que se estabelece quando a utopia é levada a sério e pretende assumir a forma de realidade. A publicidade de certo ponto de vista, pode ser reconduzida a um modo de terror moderado, no qual a imposição da mercadoria se traveste de

da publicidade não deixa margens para a ambiguidade, ela reduz a relação entre emissor e receptor a uma relação unívoca, de clareza inconteste, e é aí onde está o totalitarismo, pois ele prolifera nos planos de interpretação, ocupa os espaços de atenção e cancela nossas defesas conscientes.

A técnica da persuasão é situada pelo filósofo na contrarreforma católica, onde o barroco em sua missão de propagandear a fé cristã e transmitir os valores doutrinários de religião buscou o caminho da conquista do imaginário¹⁴. É no século XVII que se delineia a ruptura entre discurso público, a separação da verdade fundadora e a esfera da simulação linguística. O fanatismo tem este caráter de perseguir os dissidentes e aqueles que não fazem o uso público daqueles referenciais imagéticos, os que não professam publicamente sua fé, os que não comungam nos espaços públicos, os desobedientes, e é nesse caminho que a publicidade comercial opera, pretendendo falar de uma verdade persuasiva e universal:

A publicidade nunca deixou de ser propaganda, nunca abandonou o exercício despótico da ideologia, nunca deixou de ser lavagem cerebral e submissão da mente a uma ideia (não apenas à mercadoria, mas à ideia da superioridade da mercadoria). Na época da economia virtualizada de final de século XX, a integração entre publicidade e produção atingiu seu nível mais alto porque o processo de produção se tornou processo semiótico, produção de signos por meio de signos. A publicidade foi progressivamente incorporada ao próprio corpo da mercadoria, depositou-se na abstração concreta do logotipo, expressão direta da mercadoria e ocupação do espaço imaginário[.] Modernização e militarização da esfera pública caminham *pari passu*, usando as mesmas técnicas de comunicação (Berardi, 2019, p.61).

3.12 - A modernidade também é uma revolução linguística

Outra corrente futurista será importante também em sua preocupação de levar as utopias à cabo. “No futurismo alemão, ou a escola Bauhauss de arte, desloca a atenção

utopia da felicidade. O uso terrorista do signo e da imagem, por meio dos quais os grandes regimes totalitários do século XX modelaram o imaginário social, na publicidade se torna terrorismo da felicidade, da riqueza e do *fitness*. (Berardi, 2019, p.58).

¹⁴ Com o barroco, a esfera fantasmagórica começa a expandir-se. A fantasmagoria das imagens e a imponente maravilha das arquiteturas são um veículo de potência persuasiva que modela e disciplina as sociedades. Naquela direção que apontava para expansão ilimitada e absurda de perspectivas, abriu-se o caminho que levou ao exagero das imagens, ao *overload* semiótico da publicidade pós-moderna (Berardi, 2019, p.60).

formal no movimento e velocidade para a funcionalidade, clareza e a síntese formal” (Berardi, 2019, p. 62).

A agitação vivida pós a derrota e humilhação da primeira guerra mundial alimentou a geração seguinte que tinha gosto gráfico pelo ativismo político e agitador, e também dadaísta: “Kurt Schwitters, Hans Arp e até Georg Grosz estão em diferentes graus envolvidos no ativismo negacionista do dada zuriquense ou parisiense” (idem. ibidem). A publicidade se coloca justamente num ponto de conexão, entre a imaginação transgressora e libertária e sua recuperação funcional, modelada conforme as dinâmicas da indústria:

Enquanto na Rússia as várias tendências (o futurismo de Maiakóvsky, o suprematismo e o construtivismo de El Lissitski, Tátli e Ródtchenko) tinham levado suas obras a tratar de trens em alta velocidade e a aglomerações e multidões em tumulto, Gropius quis levar o projeto (utópico?) de um mundo estetizado na esfera da funcionalidade da moradia, da indústria, aos espaços que são habitados cotidianamente. A Bauhaus identifica o campo do design, e o da gráfica, como ponto de encontro entre arte funcionalidade e leva à concretização a revolução formal que se deu ao longo da modernidade no campo da arte tipográfica. Os caracteres tipográficos são repensados em relação à sua funcionalidade específica, à intenção comunicativa, ao suporte e ao uso, e, desse modo, introduz-se um novo nível de expressividade, no próprio ponto de encontro entre a escrita e arte visual (Berardi, 2019, p. 63).

É a intenção de tornar a poesia indistinguível da realidade, de concretizar os projetos e utopias modeladas conforme as dinâmicas da indústria. A essência do problema em torno da publicidade é que toda ela é subliminar. Por isso as correntes artísticas tiveram uma função essencial na criação da linguagem publicitária, tendo a coragem de trabalhar diretamente sobre os estados de semiconsciência, em processos alucinatórios, em produções oníricas.

Neste movimento, tanto o simbolismo e o surrealismo serão fundamentais, pois “serão capazes de penetrar nos meandros mais escondidos da mente humana, de influenciá-la como fazem os agentes virais que trazem a doença e a mutação” (Berardi, 2019, p.64).

3.13 - *Bad trip!* A utopia da comunicação sem fronteiras foi capturada

As correntes surrealistas e psicodélicas operaram sobre a produção do inconsciente e semiconsciente¹⁵. Berardi (2019, p.66) pontua, “subliminar é um impulso do signo que está abaixo do nível da percepção consciente”.

Ainda comenta como isso foi considerado um problema jurídico nos EUA dos anos 1950 e 60, pois tinha medo de como a propaganda poderia afetar o comportamento das pessoas e por isso sofre intervenção legal e regulamentação. Porém toda publicidade é implicitamente subliminar e precisa ser ingênuo achar que a publicidade traz informações racionais a um receptor consciente¹⁶.

A vanguarda é uma palavra de origem militar e tanto o futurismo italiano, quanto o russo, e também o surrealismo francês e alemão, sempre fazem uma referência militar ou militante. A utopia é o horizonte que se permite caminhar. E não é à toa que a realização dessas utopias tem um caminho marcado pelo totalitarismo e violência, em que se exerce sobre a realidade para poder formatá-la e conformá-la:

A utopia da máquina do futurismo italiano se transformou na modernidade alienada do taylorismo fordista, da repetição automatizada de gestos sem liberdade. A utopia da comunidade vanguardista se transformou na realidade totalitária do fascismo. A utopia do futurismo russo se transformou no totalitarismo violento do comunismo desumano. Até que, no final do século que tinha acreditado no futuro, a utopia perde força e surge uma percepção oposta do iminente, do inexorável, do inevitável, uma percepção distópica (Berardi, 2019, p.68).

A utopia da mídia que atravessa toda a experiência do futurismo e todo o século XX prepara o que chamaremos de última utopia, a utopia *cibercultural* que se manifestou na última parte do século que acreditou no futuro. São desses sonhos de linguagem, de uma imaginação sem fio, sem intermédios que a máquina linguística

¹⁵ A influência do surrealismo sobre a publicidade não se manifestava diretamente, durante os anos em que André Breton, Louis Aragon, Salvador Dalí ou Max Ernst criaram suas formas alucinadas, porque os artistas desse movimento estavam entre os mais radicalmente contrários a qualquer perspectiva de funcionalidade comunicativa e não quiseram igualar-se às formas de comunicação publicitária. Mas a lição formal do surrealismo permeou mil canais no inconsciente publicitário até germinar nos anos 1960, quando se tornou elemento basilar da cultura pop, graças ao encontro com a cultura psicodélica da Califórnia. (Berardi, 2019, p. 65).

¹⁶ A publicidade não tem essa intenção, porque é essencialmente uma batalha pela conquista de um espaço de atenção em um fluxo de tempo existencial absolutamente esquadrihado, ocupado, empenhado, explorado, espremido, assediado e também devastado” (Berardi, 2019, p. 66).

junta seus elementos racionais, oníricos e subliminares para formatar o novo modo de produção, o capitalismo semiótico.

Klébnikov sonhou com uma “rádio do futuro”, onde todos poderiam acompanhar em tempo real notícias e informações de todo mundo, com telas e espelhos espalhados pelos espaços públicos, com a intenção de formar uma só “mente” global¹⁷. A grande ironia dadaísta, segundo Berardi (2019, p.75) é resumida nesta sentença: “Abolir a separação entre a arte e a vida cotidiana”.

É inegável o papel dos influenciadores digitais e produtores de conteúdo virtual nas redes sociais atuais, e a forma *meme* de veicular ideias e comportamentos, pode ser vista como subversiva, mas também como um ato despretensioso de atingir as pessoas, e não se nega mais o papel decisivo que tem numa eleição.

Tanto as correntes de esquerda quanto de direita se utilizam desta linguagem de tipo rápida, instantânea, irônica, sarcástica e bem humorada, capturando aquele fragmento de atenção que se dispõe ao visualizar uma tela de celular, seja sentado na privada fazendo suas necessidades, numa fila ordinária de banco ou padaria, a linguagem atinge e produz significado¹⁸.

Enquanto o dadaísmo se diferenciava do futurismo pela ausência de um “programa”, o surrealismo se dirigia a uma inclusão semântica dos signos, em que tudo era possível, até as utopias mais inalcançáveis. Essa combinação de energias toma sua forma nas correntes da contracultura nos anos 1960:

A intenção que animou a revolta dos anos 1960, essa intenção de vida autêntica, na qual o significado se recompõe coma realidade, foi o cumprimento do idealismo moderno que domina a cena filosófica da *Hegel reinassance* e do humanismo marxista. A crítica debordiana do espetáculo nasceu daqueles pressupostos. Antes que os movimentos sociais experimentassem a utopia da vida autêntica, suspendendo a obrigação da produção, da disciplina e do recalque, a vanguarda experimentara aquela utopia no plano linguístico e gestual, colocando em cena todo leque de possibilidades de relação entre signo, significado e referente (Berardi, 2019, p. 77).

¹⁷ O rádio se torna, para ele, uma tela gigante a ser colocada no centro de todas as cidades para que as multidões possam receber informações, conselhos, aulas e receitas médicas. Ele imagina algo que hoje chamamos de internet, a conexão de todos os lugares com todos os lugares. Mas sua imaginação utópica é, ao mesmo tempo, uma imaginação totalitária. A rede de rádio-telas disseminadas por todo o país é uma rede que parte do centro, onde está o Soviete Supremo das ciências que transmite sua palavra e suas imagens a todas as escolas e todas as vilas (Berardi, 2019, p. 71).

¹⁸ O gesto duchampiano consiste em exibir um signo para negar-lhe o significado ou para colocar em suspensão o significado que lhe atribuímos; exibir o caráter artístico daquilo que é banal, mas também o caráter banal do gesto artístico. O dada rompe coma aura da arte, mas rompe também coma banalidade da vida cotidiana. Irônica banalização do gesto artístico. Irônica *auralização* do objeto de uso cotidiano (Berardi, 2019, p.75).

O ‘filho das flores que não pensa no amanhã’ não sonha, ele realiza. Quando o futuro aparecia como inevitável desdobramento das condições determinantes que são implícitas no presente, o dadaísmo entra como elemento surpresa, que gera a que ignora as necessidades, a história e o discurso feito sobre a realidade, os dizeres de maio de 1968 ecoam como um grito contra este tipo de sociedade disciplinada, adequada pra viver entre seus gestos alienados na esteira de produção e evocam o sonho dos surrealistas e a ironia dos dadaístas, manifesto nas paredes pichadas nos muros da França entrincheirada naquele fatídico maio: sejam realistas, exijam o impossível!

Os efeitos políticos do surrealismo não são os que descendem da relação com o partido comunista francês, os efeitos estão justamente em ter afirmado a potência transformadora do inconsciente e em ter apontado no imaginário a força dinâmica, o campo na qual as transformações ocorrem.

O surrealismo e o dadaísmo chegam em 1968 através de filtros que percorrem a cultura Hippie, o imaginário psicodélico, a *molecularização* dos grupos. A imaginação no poder! Bradam os *hippies*. Os anos 1980 respondem, incorporam esse lema e põe a imaginação à serviço do Capital, a imaginação agora vira modo de produção.

Não mais a exploração na linha de montagem, mas a exploração da mente. A geração que vem ao mundo nos anos 1980 está destinada a ser a primeira geração videoeletrônica, a primeira que se forma em um ambiente em que a mídia prevalece sobre o contato com o corpo humano.

Na segunda parte do século que acreditou no futuro, o imaginário utópico se transformou cada vez mais em distopia, pesadelo da consciência: O *cyberpunk* é um ponto de chegada dessa dinâmica de colapso do tempo futuro¹⁹. Mas aquele futuro não chegou graças a máquina externa dos futuristas, não chegou graças à velocidade mecânica com que o futurismo se inebriava, chegou graças à força imaterial da mente.

Quando a disciplina industrial se dissolve os indivíduos se encontram numa condição aparente de liberdade, porém a precarização, que é o núcleo negro do processo

¹⁹ O surrealismo tinha sido o primeiro a entrever a possibilidade de conexão entre as tecnologias e a imaginação visionária, o estado alterado de consciência; os surrealistas foram os primeiros a fotografar o sonho. Quando chamavam a imaginação ao poder, o poder de que estavam falando era o da força de projeção, da potência ilusória, mas real, que modela o campo das expectativas, dos desejos e das projeções [...] Multiplicação esquizofrênica de mundos imaginados, compartilhamento de mundo projetivos. Mas também a paranoia, terror dos monstros que nascem dos pesadelos da mente coletiva. (Berardi, 2019, p.98).

de produção de capital, acaba fazendo com que o trabalhador se dedique muito além da antiga jornada atrás da esteira rolante da produção. Agora seu tempo *celularizado* e re combinado é desencrespado, é aparado de arestas e até *descorporizado*, visto que no corpo há o limite biológico e humano, que se cansa, que atrasa trabalho, que fica resfriado e que falha. O capital agora passa a pagar pelo tempo virtual de trabalho.

Como Berardi (2019) afirma posteriormente com Sex Pistols, *No future*. O presente agora se estende infinitamente nos *terabytes* do mundo virtual, não temos mais tempo nem energia pra pensar, confundimo-nos com a imagem do hamster correndo à exaustão em sua roda.

Ficamos com o cenário distópico do século que mais sonhou com o futuro, a energia criativa, o desejo pela projeção, a suspensão do significado é incorporado à plasticidade do Capital, ainda que alguns teóricos como Mark Fisher (2013), visse no aceleracionismo do capitalismo seu ponto de convulsão e possibilidade para abertura de um futuro diferente, onde o trabalhador dotado do conhecimento e disciplina do capital teria os instrumentos necessários para fazer a revolução e equiparar o poder, limitando sua exploração, Berardi (2013) argumenta que é exatamente a plasticidade do capitalismo que torna possível se adaptar ao colapso, cansaço e instabilidade, ainda que perdas de humanidade sejam significativas, aqui nos aproximamos da imagem distópica do pós-humano.

4 - Tempos fugidios: um balanço historiográfico da contemporaneidade

4.1 - Fim da História, realização ou apocalipse?

O Fim da História é uma asserção ambígua ou incerta, intrigante e assustadora. Ambígua, incerta e imprecisa enquanto não especifica que final ela decreta: o da humanidade? Ou o fim da luta entre Capitalismo e Comunismo? Das grandes revoluções?

Intrigante na medida em que é certo de como hoje é segunda-feira, amanhã será terça-feira, seguido das quartas-feiras, dos meses, dos anos; então, o que se pretende dizer que está acabando? Do tempo? Dos que marcam o tempo, nós, os humanos? Ou do planeta terra da forma que o conhecemos?!

Esse *Fim da História* trata da derrota do que poderia ser considerado o último dilema, segundo um pensador contemporâneo, de como a humanidade poderia se governar e viver melhor, sob qual a melhor forma de vida; da queda do primeiro país a ter uma revolução comunista, passando da fase da idealização para o socialismo real e sua derrocada ao que para o autor no fim das contas é a evolução do pensamento político da humanidade e de nada adiantaria resistir, o capitalismo venceu; essa é a ideia defendida por Francis Fukuyama (1991) ao fim da URSS.

Diante da queda de um dos lados, o fim acontece, pois acabou a necessidade de lutar por uma melhor forma de governo, tendo em vista a vitória do lado capitalista, no bipolarizado século XX.

Não haveria mais sentido em resistir à inevitável força do capitalismo, em seu estágio mais sofisticado, o liberalismo político e econômico, inerente à última etapa de evolução das sociedades, conquista e progresso do embate de tal século; e o futuro que nos aguarda já podia ser previsto pelo intelectual. Alegrem-se e conformem-se ao inefável, é o que se pode inferir a partir dessas ideias, pois o socialismo perdeu a corrida em direção ao futuro, o capitalismo chegou lá e o futuro é deste último homem.

Não somente o *Homo oeconomicus*, mas o homem que apesar de seus valores religiosos e tradicionais ou nacionais, tem como maior valor o liberalismo político e o liberalismo econômico. O Capitalismo liberal é moderno, se o liberalismo político acomoda as tensões e debates públicos, o liberalismo econômico e a obediência ao

“livre mercado” nos assegura a realização iluminista, do homem mais avançado, evoluído, o último homem.

O conceito de "Fim da História" é, antes de tudo, ambíguo e intrigante. Sua ambiguidade reside justamente na falta de clareza sobre o que, de fato, estaria terminando: seria o fim da humanidade? O fim do conflito entre capitalismo e comunismo? O fim das grandes revoluções?

A ideia é intrigante porque, ao mesmo tempo que o tempo claramente continua — segundas-feiras sucedem domingos, anos se passam —, questiona-se o que realmente está chegando ao fim. Seria o tempo enquanto categoria? Seriam os sujeitos que marcam esse tempo, os humanos? Ou seria o fim do planeta Terra como o conhecemos?

Na verdade, o "Fim da História", tal como proposto pelo pensador Francis Fukuyama em 1991, refere-se ao fim da grande disputa ideológica da humanidade no século XX. Com a queda da União Soviética, Fukuyama (1991) interpretou o evento como a derrota final do socialismo real e a vitória incontestável do capitalismo liberal. Para ele, a humanidade teria alcançado a última etapa de sua evolução política e econômica.

Assim, o fim da história significaria o fim dos grandes dilemas políticos: a melhor forma de governo e de organização social teria sido encontrada. Não faria mais sentido resistir ou buscar alternativas, pois o capitalismo liberal representaria o estágio mais avançado e sofisticado da civilização.

Dessa perspectiva, Fukuyama convida à celebração — ou à resignação — perante o inevitável. O futuro já estaria determinado: pertenceria ao "último homem", um ser que, embora possa manter valores religiosos, tradicionais ou nacionais, elevaria o liberalismo político e econômico ao topo de sua hierarquia de valores.

Nessa visão, o liberalismo político administraria as tensões sociais, enquanto o liberalismo econômico e a adesão irrestrita ao "livre mercado" realizariam o ideal iluminista de progresso. O capitalismo liberal não seria apenas moderno; seria o ponto final da jornada evolutiva humana — o destino do último homem.

4.2 - Como capturar este tempo presente?

Para Hartog (2016), a memória e o patrimônio são indícios, sintomas da nossa relação com o Tempo, pois elas testemunham as incertezas ou a chamada ‘crise’ da

ordem presente do tempo. Diante destes sintomas é que ele se questiona, “um novo regime de historicidade estaria se formando?”.

Antes de responder esta pergunta, é oportuno lembrar a corrente a qual o pensamento de Hartog está inserido, a chama História do Tempo Presente. François Dosse (2001) fez um balanço entre a corrente da História do Tempo Presente e Historiografia.

Ao historicizar esta corrente de pensamento, ele aponta a preocupação com o ‘tempo’ como ideia central, e situa-la dentro da historiografia francesa. Dosse aponta como March Bloch reinsere a discussão sobre o tempo presente para a metodologia da disciplina história. Bloch utilizou-se desse processo, que o levou a escrever sua obra-prima, *Os Reis Taumaturgos* (Bloch, Marc. *Os reis taumaturgos: estudo sobre o caráter sobrenatural atribuído ao poder real, particularmente em França e Inglaterra*. 1999), com base em uma reflexão sobre os boatos presentes no front, quando era capitão do exército francês durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), em um momento em que as redes estabelecidas de informação não funcionavam mais.

Este fato o auxiliou a entender como na sociedade medieval pôde se espalhar a crença coletiva no poder de cura dos reis da França e da Inglaterra. Da mesma forma, para compreender as estruturas agrárias da Idade Média, Marc Bloch parte do que observou no presente, ou seja, a oposição entre os campos cercados e as pastagens comunais.

O mesmo afirma Lucien Febvre (1953): “O homem não se lembra do passado, ele o reconstrói sempre... Ele parte do presente – e é por intermédio dele, sempre, que ele conhece, que ele interpreta o passado”. Entretanto, o desenvolvimento da escola dos *Annales*, durante e após a Segunda Guerra Mundial, incitou o discurso do historiador para o estudo de permanências, de invariantes do modelo estrutural e para a longa duração, como o definiu Fernand Braudel. Os estudos históricos se voltaram fortemente para a análise dos períodos medievais e modernos, deixando de lado a história do tempo presente.

Obra fundamental desta corrente de pensamento é *Lugares de Memória* (1984) de Pierre Nora. Nora diagnóstica uma proliferação de memórias comunitárias, individuais em face da exaustão da história épica e nacional, em que lugares de memória são criados para depositar esta antiga memória ocupada dos deveres cívicos

relativos ao calendário nacional. Nora aponta como a história da França passa da História-memória para a História Patrimônio. O Patrimônio acaba se impondo como “dever” da memória.

Outra obra importante, dos anos 2000 é o Regime de Historicidade por François Hartog, onde ele lança este conceito do título referido como um instrumento capaz de analisar o grau de consciência histórica que tem determinada sociedade. O quanto aquela sociedade se reconhece em suas narrativas, o quanto ela reflete sobre seu passado e por quais meios ela se expressa. Como ela se compreende em sua temporalidade.

Koselleck, filósofo citado por Hartog, formula conceitos como o de espaço de experiência e horizonte de expectativa, como condicionantes a história. Toda sociedade acumula e transmite suas experiências e vivências que servem para orientar as próximas gerações com desafios futuros.

A partir da modernização das sociedades, o espaço de experiência encurta, ele é transformado pela técnica e pelos novos formatos de organização social, e as expectativas de uma geração anterior, são superadas em uma velocidade muito maior, sempre em aceleração. A ideia de modernidade é uma ideia de aceleração das sociedades.

Diante das grandes guerras, das grandes catástrofes ambientais e da queda do Muro de Berlim e da União Soviética, do autoritarismo do Partido Comunista Chinês, ou ainda sobre a questão colocada por Francis Fukuyama, decretando a vitória do liberalismo como forma de regime superior ao comunismo e fascismo, derrotados neste mesmo século XX; o autor aponta um horizonte de incertezas e de uma grande dilatação do tempo presente. Neste contexto o passado surge como curiosidade ou nostalgia, perdendo sua capacidade de orientar a vida.

A história acaba sendo usada para fins comerciais, o patrimônio, ao tornar-se um ramo principal da indústria do turismo, é objeto de investimentos econômicos importantes. Sua “valorização” se insere, então, diretamente, nos ritmos e temporalidades rápidas da economia de mercado de hoje, chocando-se e aproximando-se dela.

François Hartog (2013) assim como Koselleck (2006), pensa em conceitos universais e em termos antropológicos. E ao aplicar tal instrumento à época em que

vivemos, conclui estarmos vivendo um regime de historicidade peculiar, onde há uma “tirania do instante”. Inspirado pelo movimento que abordaremos adiante nesta dissertação, o *futurismo*, cunha o termo *Presentismo*. A equação forjada na revolução francesa entre o futuro e progresso, perde sua força diante dos grandes assassinatos em massa, guerras, ameaça de destruição total experimentada no século XX.

No regime de historicidade desta sociedade da transição dos séculos XX ao XXI não se encontra no passado lições para lidar com este presente impensável, onde as projeções dos antepassados sequer davam conta das inovações tecnológicas, políticas e sociais, numa aceleração intensa provocada pela modernidade. O exercício da projeção parecia inútil ou mera especulação diante de tantos novos elementos e experiências novas.

O historiador francês cita o exemplo da ONU nos anos 80, ao tomar consciência dessa sociedade cada vez mais globalizada, a urgência da preservação da memória traduzida numa política de patrimonialização mundial (Hartog, 2013, p.24).

A memória precisa ser salva e preservada, senão ela se perderá no mar de tantas experiências novas. A nova sociedade ignora o futuro e vê no passado uma experiência a ser consumida nos memoriais, museus e filmes de época.

Uma corrente de pensamento dentro da historiografia ainda nestes anos 1980 se intitula como *história do tempo presente* defende que o que se projeta neste novo regime de historicidade é um grande presente dilatado, onde após a experiência da derrota de modelos políticos alternativos, como o comunista, a democracia liberal vence como melhor modelo para a condução da sociedade ao seu aperfeiçoamento. Hartog cita Francis Fukuyama e seu *Fim da história* (idem, 2013, p.36), não num sentido apocalíptico, mas de acomodação das expectativas para a civilização da humanidade.

4.3 - O futuro já acabou!

Berardi (2019) situa seu pensamento dentro deste campo, na discussão entre passado, presente e futuro e anuncia: o futuro acabou! Não necessariamente a sucessão dos dias, meses e anos, mas a expectativa de que o futuro será guardião do aperfeiçoamento e da melhoria não tem o mesmo entusiasmo experimentado pelos iluministas, muito menos pelo século que mais se entusiasmou com o futuro, o século da concretização dos desejos e utopias. O século XX.

“Bifo” Berardi teoriza como a energia e entusiasmo das vanguardas do século XX, especificamente os *futuristas*, idealizaram, desejaram e realizaram seus anseios, porém o resultado abriu para um novo espaço de experiência, onde este entusiasmo esgotou-se. As experimentações no campo da linguagem pelas vanguardas futuristas são analisadas como motor de aceleração deste século, e a comparação que ele faz do espírito otimista do ano da publicação do manifesto futurista escrito por Marinetti em 1909, não se compara ao *Zeitgeist* depressivo do ano de 2009 quando é lançado seu ensaio.

A conformidade da mera ideia de fim da história como o fim da luta de classes, ou o fim do socialismo ou comunismo, seria um ponto importante, mas o que nos inquieta é o fim da história-progresso, ou o desencanto das ideias modernas e iluministas no que dizem respeito a inerente evolução da humanidade em direção ao progresso e a razão. O desencanto com o futuro brilhante, com os espaços de experiências e horizonte de expectativas, que foi legado pelo século XX.

Filósofo autonomista, sua experiência de vida é marcada por lutas e atividades políticas, atuando nos movimentos de contracultura italianos no contexto do maio de 68 e logo após sua vivência e aprendizado na França onde teve contato com os estudos de Michel Foucault e desenvolveu amizade com Deleuze e Guattari. Bifo retorna a Itália, onde experimenta ainda o desenvolvimento de uma rádio libertária, a Rádio Alice, ficando reconhecido como um dos mais ativos nos movimentos sociais que se seguiram até os anos 1980.

A Itália amarga, após esses movimentos, uma derrota política com a ascensão da extrema-direita, que culmina posteriormente na assunção da presidência por Silvio Berlusconi e o fim do PCI. Essa derrota política foi e continua sendo objeto de reflexão política de diversos filósofos italianos, como Antônio Negri (1933-2023), Maurizio Lazzarato (1955-), Paolo Virno (1952 -), Cristhian Marazzi (1951-) e o próprio Bifo (1949 -).

Esta experiência, a da autonomia Italiana, é importante para o livro que apoia esta pesquisa enquanto trata desta questão do eclipse da política pelos intelectuais, pela esquerda, e também perceptível na estética e nas artes, especificamente, tratamos aqui da Literatura, arte e pensamentos que dizem respeito às expectativas sobre o futuro.

Enfim, chegamos ao futuro sonhado pelos literários, pelos sonhadores, iluministas, entusiastas da técnica e do avanço da razão, aqui é o futuro, mas o que vem a seguir?

Novamente, não é que o mundo tenha acabado, mas é preciso estar muito à parte da realidade pra manter o otimismo do começo do século XX, sobre a desejada modernização que a revolução industrial traria com seu progresso técnico e seus consequentes progressos sociais.

As iminentes catástrofes ambientais, a persistência da escravidão, da fome, além da grande ironia que é a precarização do trabalho facilitada pelas novidades tecnológicas como os diversos trabalhos possibilitados pela internet, o celular e seus *apps*, fazem com que fique difícil acreditar nesse progresso inerente, linear, seguindo o curso da história. Esta História dos vencedores capitalistas.

Se com Le Goff (2000) o século XIX é o século do maior entusiasmo pelo progresso, seja manifesto pelas descobertas científicas, pela revolução industrial e a presença massiva da máquina acelerando a produção, ou pelas revoluções ditas sociais, como a Comuna de Paris e o movimento organizado dos trabalhadores ao longo do século; o início do século seguinte, o século XX, vai ser o auge e decadência do futurismo para Berardi (2019).

4.4 - A revolução, seus entusiastas e seus contrários

Em *Critérios Históricos do conceito moderno de Revolução*, Koselleck (2006, p.61-78) faz uma breve história do conceito revolução, trazendo sentidos importantes para a compreensão da própria história. Primeiramente, revolução estará associada à astronomia e ao movimento dos corpos celestes em torno de si. A revolução é compreendida como um movimento circular, um retorno. Mas retorno ao quê?

Afirma Koselleck (2006) que o conceito de revolução passa a ter relevância na Europa durante o renascimento, e o significado daquele momento era que o empenho na ciência, no pensamento e no conhecimento, pudesse restaurar a glória atingida somente pelos antigos. Era dar a volta naquele tempo de decadência para restaurar a glória atingida pelos clássicos.

Outro momento importante para se definir a revolução, é a distinção que se tentou fazer entre revolta e revolução. Uma simples guerra civil, motim, rebelião ou

desordem, não configurava uma revolução, e era desencorajada. Como algo que levava a destruição, violência e desordem poderia ser o caminho para trazer o progresso pra qualquer nação ou sociedade afligida por tal balbúrdia?

Até que uma grande guerra civil muda o conceito de revolução, a Revolução Francesa de 1789. Quando os ideais de liberdade, fraternidade e igualdade imperam sobre os propósitos de todos os saques motins e tomada da Bastilha ou outros símbolos do poder; pela instauração de uma nova constituição, um novo homem, sujeito de direito.

A revolução deixa de ser uma simples revolta e se alia indissociavelmente ao conceito de progresso. A revolução é necessária, pois ela é quem traria o progresso, a evolução da humanidade e emancipação do homem através da razão. A celeridade do tempo e a ideia de uma história linear rompem com a circularidade histórica que remete aos antigos.

A revolução francesa compreende a si mesma como contemporânea, adota um novo calendário, passa a contar os dias a partir dali e afirma que agora sim, eles têm conhecimento e saber o suficiente para ultrapassar os antigos. A Revolução não será mais circular, e sim linear e acelerada juntamente ao progresso.

Com tais questões, proposta pelas cabeças mais sagazes capazes de responder inaugura-se um novo horizonte de expectativa. A revolução com certeza, não conduz de volta a situações anteriores a partir de 1789, ela conduz a um futuro a tal ponto desconhecido, que conhecê-lo e dominá-lo tornou-se uma contínua tarefa política. (Koselleck, 2006, pp. 68-69).

Jacques Le Goff (2000, p.193-202) nos traz que o significado da palavra progresso era na antiguidade simplesmente um comando direcional, “seguir”, sem esta conotação de melhoria. Assim como Koselleck (2006), para reconstituir esta trajetória do conceito de progresso, Le Goff (2000, p.191-230) mostra que desde a Grécia antiga, outros pensadores gregos admiravam e se espelhavam em gregos mais antigos. Então, o progresso não era visto como desejado, e sim a restauração a uma idade do ouro longínqua.

Nos debates intelectuais do renascimento já se dizia viver um tempo em que estava buscando restaurar a glória dos antigos. E os artistas e intelectuais vão batizar aquele tempo como o “renascimento”, no sentido da ideia da retomada do ímpeto intelectual dos antigos, onde o período que houve entre esta retomada, fica como uma

Idade “Média”, no meio deste percurso de retorno ao esplendor do pensamento humanista.

É justamente no Iluminismo em que vai se afirmar a ideia de novo e moderno não mais como os antigos tratavam, em que novo era o inesperado indesejado, o “novo” rico em face do antigo e nobre. É a afirmação de se estar experimentando algo inédito e que isso pode ser uma experiência positiva, e que aliás viesse a romper com tudo o que já foi posto, não mais retomar, e sim progredir linearmente, em direção a um futuro brilhante, onde a razão seja guia.

Jacques Le Goff (2000) ainda nos traz vários debates dos intelectuais iluministas sobre esta perspectiva que o progresso trazia de benéfico à humanidade. Visões conflitantes podem ser observadas entre Kant, que percebia no uso público da razão a possibilidade de construir uma sociedade mais justa e harmônica e um sentido de história universal para humanidade, enquanto que Rousseau (cf. Le Goff, 2000) argumentava que a vida civilizada que o progresso trazia era a causa de sua infelicidade e corrupção moral, e só um retorno a seus instintos primitivos lhe libertaria das injustiças causadas pelo viver nessa sociedade dita civilizada e racional.

O século XIX é o auge do progresso segundo Le Goff (2000), que é quando o progresso se confundiu tanto com as transformações sociais advindas das revoluções sociais, quanto da transformação tecnológica da chamada revolução industrial. O homem e a máquina aceleram em direção ao futuro e ao domínio da natureza.

A exacerbação toma forma de culto! Le Goff (2000, p. 209-219) enfatiza que uma das crenças mais ferrenhas no progresso é o positivismo. Esse movimento intelectual encabeçado por Augusto Comte acaba por criar uma espécie de culto à razão, onde a humanidade viveria em estágios diferentes: uma infância primitiva, uma adolescência mística, por fim um amadurecimento baseado na observação científica e positiva; esta por sua vez tão pretensiosa que seria capaz de prever as ações humanas a ponto de descobrir leis universais e inerentes tais quais as leis da física de elaboradas por Newton, na humanidade.

Porém, no mesmo século de maior entusiasmo com o progresso, surge a chamada ‘reação’. Le Goff (2000, p. 209-219) data a reação como nascida na restauração da monarquia francesa em 1830, e que esse movimento cria uma corrente de pensamento de setores da sociedade que vão se mobilizar para que o progresso, da forma como era compreendido, não se realize, ou encontre obstáculos em seus desejos

políticos. A complexidade que estes conceitos como progresso e reação tomaram a partir do momento em que o próprio conceito de progresso entra em crise.

Essa situação se estende até chegar ao século XX, onde grandes guerras e mortandades contrastam com revoluções na técnica e no conhecimento, além do embate das correntes políticas herdeiras da modernidade.

4.5 - A deflação do significado de progresso

Por fim (Le Goff, 2000, p. 227-230), argumenta como o conceito de progresso foi se esvaziando, por conta de diversos acontecimentos históricos que abalaram os países industrializados, como as duas grandes guerras, a crise dos mísseis nucleares em Cuba (1961). E ainda aponta outro problema maior tanto ao conceito de modernidade quanto ao de progresso, o estágio de desenvolvimento industrial em que se encontravam os países periféricos do capitalismo e a necessidade de eles se desenvolverem para atingir a mesma industrialização dos países “desenvolvidos” ou “avançados”.

Este percurso do conceito já leva em conta os impactos ambientais deste tipo de progresso, e este desenvolvimento industrial, já não corresponde ao caminho mais racional, tendo em vista a exaustão da natureza, antes vista como um ente a ser dominada. O conceito progresso vai sendo gradualmente substituído por desenvolvimento ou crescimento econômico e perde seu fôlego do século XIX.

Este breve percurso pelo imaginário político, expresso nos anseios históricos pelas revoluções e emancipação do homem, são elementos importantes para esta pesquisa, porém, o movimento para que se direciona esta pesquisa, é debater como esta história, sem progresso, sem sua anterior linearidade nos traz implicações à própria história enquanto ciência e narrativa.

Koselleck lança estas duas categorias históricas, ao que ele entende como universal, para expressar a história. Não há história sem experiência e sem expectativas, e não adianta pensar qual categoria vem primeiro. Nas palavras do autor (2006, p. 307):

Manifestamente, as categorias “experiência” e “expectativa” pretendem um grau de generalidade mais elevado, dificilmente superável, mas seu uso é absolutamente necessário. Como categorias de História, elas equivalem à espaço e tempo. Isso pode ser fundamentado semanticamente. Plenos de realidade conceitos mencionados se apresentam como categorias alternativas, portanto, como conceitos que se excluem, constituindo campos semânticos mais concretos, cada vez mais estritamente delimitados, mesmo que

permaneçam estreitamente relacionados entre si. Assim a categoria do trabalho remete ao ócio, a da guerra à paz e vice-versa, a fronteira remete a um espaço interior e outro exterior, uma geração política a outra ou a seu correlato biológico, as forças produtivas à relação de produção, a democracia à monarquia etc. O par de conceitos “experiência e expectativa” é manifestamente de outra natureza. Não propõe alternativa, não se pode ter um sem outro: não há expectativa sem experiência, nem experiência sem expectativa.”

Ele reflete sobre o ofício do historiador, que ao se deparar com os vestígios do passado e que quando começa a ultrapassar suas próprias vivências e recordações, movido por perguntas, lida com esperanças, desejos e inquietudes, que chegam nesses vestígios até nós. E que ao transformar esses vestígios em fontes da história que se deseja apreender, o historiador se movimenta em dois planos: ou ele analisa fatos que já foram anteriormente articulados na linguagem, ou a partir de métodos e hipóteses, reconstrói fatos que não chegaram a ser articulados, mas que o historiador revela a partir dos vestígios.

Ao articular estes conceitos, para pensar a própria temporalidade da história. O autor põe a história como este elo secreto entre o passado e o futuro, movido não simplesmente pelo apreço à ciência, mas, sobretudo, pela recordação e pela esperança de dias melhores. A velocidade que a modernidade opera, movimenta este espaço de experiência, pois o progresso alimenta e cria um horizonte de expectativa sempre maior, dado que no futuro, as condições serão tão melhores, que nem somos capazes de pensar como será!

Ao ponto em que o autor afirma que esta é uma crise para a história, a velocidade do progresso, da modernidade, causou uma distância tão grande entre essas duas categorias necessárias para a história acontecer, que resulta na impossibilidade ou na dificuldade da mesma (Koselleck, 2006, p. 322). Romper o horizonte de expectativa cria uma experiência nova, sendo assim, tantas experiências novas criam uma situação onde a história já não nos é familiar. O futuro já não tem mais o compromisso de cumprir as expectativas do passado. Aqui pretendemos compreender como o futuro e o presente também foram comprometidos pela velocidade acelerada imposta do progresso. O que se pode pensar dessa história sem este elemento crucial, o futuro?

4.6 - *No future!*²⁰

Se o século XIX é o século do maior entusiasmo pelo progresso, seja manifesto pelas descobertas científicas, pela revolução industrial e a presença massiva da máquina acelerando a produção, ou pelas revoluções ditas sociais, como a Comuna de Paris e o movimento organizado dos trabalhadores ao longo do século; o início do século seguinte, o XX, vai ser para o filósofo Italiano Franco Berardi (2019), o auge e decadência do *futurismo*. É no século XX que a humanidade vai levar ao máximo suas projeções para o futuro-progresso e verá muitas das projeções se realizarem, entretanto, como Berardi considera em seu livro, muito desses desejos vão realizar-se no século XX de forma irônica.

Em 20 de fevereiro de 1909, Filippo Tommaso Marinetti publicou no jornal parisiense *Le Figaro*, o primeiro Manifesto Futurista. Nesse manifesto, que é abordado por Franco Berardi, Marinetti elogia o Automóvel, e o homem que o comanda, que através da haste do volante que se direciona para o ventre da terra, submete-a sua vontade e domínio, sendo simbolicamente a vontade do Homem, masculinizada, sobre uma natureza, feminina, frágil e domada. As implicações dessas ideias estão na forma como Berardi vai analisar a sociedade italiana entusiasmada pela modernidade e pela máquina, e as decorrentes configurações políticas dessas visões de mundo.

Já o poeta Maiakovsky, entusiasmado demais com toda a agitação das transformações sociais, ansiava pelo triunfo do povo sobre a iniquidade, da exploração do homem sobre o homem, e enxerga o futuro como o lar das grandes transformações (revoluções) sociais. Suicida-se em 1930, carregando consigo desgosto com o regime de Stálin.

As vanguardas artísticas vão manifestar seu entusiasmo pela vida urbana, que se confunde com a vida moderna. Os diferentes modernismos, como surrealismo, cubismo, dadaísmo, vão remeter ao tempo presente, como o tempo das realizações do progresso. Seja na escola de arquitetura de Bauhauss, seja nos quadros de Picasso, ou nas poesias Oswald de Andrade; a elegia da cidade, o entusiasmo pelo tempo do agora toma o centro do debate, é o motor da inspiração.

A razão ainda promete um futuro brilhante apesar da Primeira Grande Guerra Mundial. As utopias liberais já são postas em xeque na década de 30, onde a crise do

²⁰ God save the Queen. Sex pistols. Album: Nevermind the bollocks. Wessex, Londres, 1977.

mercado, e suas consequências sociais de desemprego, fome e carestia, levam as sociedades ditas civilizadas a mudar sua política, ressentidas com o modelo de democracia liberal praticado até então. Surgem novas formas de governo.

Sonhos de pujança, desenvolvimento e progresso levam sociedades europeias a experiências diversas, porém autoritárias, como o fascismo, nazismo e por outro caminho o stalinismo como a grande ironia da realização das utopias. Mais à frente no século XX, esta grande bifurcação entre a última Utopia, a internet, que de certa forma herda as expectativas da geração da contracultura e por outro lado, a desilusão com o futuro.

Para tal, Berardi (2019) evoca o manifesto dadaísta por ser aquele qual buscava sua inspiração no tempo presente, este que era o tempo urbano (moderno) dos artistas deste movimento, e ao se deparar com este tempo, o que encontravam era a ausência de sentido, o *non-sense*. Esta é a corrente de pensamento que ele vai identificar a maior lucidez para descrever a vida moderna; se ela antes reivindicava a emancipação do homem através da razão e do progresso, hoje, ela se apresenta como uma parafernália mecânica, confusa, precarizada e sem saída.

Outro movimento que se aproxima do dadaísmo por reivindicar o presente é o movimento de contracultura, ou como ele se refere, o movimento estudantil de maio de 68. “*Sejamos realistas, exijam o impossível!*” são os dizeres que situam o movimento nas utopias e no futurismo. Também desejava o tempo presente como tempo de realização de nossos sonhos. O tempo do futuro se situa nesse movimento em um espaço-tempo mais curto. Os sonhos devem ser realizados no agora.

Já que se trata de uma bifurcação, este aqui é o outro lado, que segundo Berardi (2019), também encurta o tempo do futuro.

A publicidade acaba por se influenciar bastante pelo estilo linguístico do dadaísmo e dos slogans de Maio de 68, impulsionada pela televisão, passa a ser instrumento de disciplina e veiculação dos desejos de consumo dos produtos desta nova fase do capitalismo. O neoliberalismo e sua ideia de empreendedor de si, também vão se apropriar do homem que vive o momento, que produz *just-in-time*, que anda apressado, que encurta seus afetos e que olha pra o futuro com o olhar especulativo, pensando sempre nos lucros. O futuro se apressa.

Berardi (2019) mobiliza os dizeres de uma banda punk londrina *Sex Pistols*, na música que saúda ironicamente a rainha da Inglaterra, *God Save the Queen!*, para

desenvolver sua argumentação de que o “futuro” ou a ideia de futuro associada ao progresso, morre junto com o nascimento do neoliberalismo. Nessa música são repetidas várias vezes os dizeres *No Future, No Future for you!* (Sem futuro, sem futuro para você!). O contexto histórico dessa música é da ascensão de Margaret Thatcher na Inglaterra, associada às políticas neoliberais, numa sociedade inglesa pós-plano Marshall, acostumada com o Estado de Bem-Estar Social.

A presença de gangues, grupos punks, jovens desempregados fazia parte desta cena cultural, a morte precoce de vários músicos e jovens rebeldes que viviam uma vida de excessos, sem preocupação alguma com o futuro ou o dia de amanhã. Para Bifo (2019), era um sintoma das mudanças que o neoliberalismo trazia.

Essa bifurcação proposta anteriormente, se dispõe assim: o movimento de maio de 68, como uma possibilidade para o futurismo, e a publicidade e o neoliberalismo outra possibilidade.

Se a *Apple*, criação de *hippies* do Vale do Silício, vinha com essa promessa de se situar ao lado de maio de 68, com uma inovação tecnológica capaz de unir as pessoas de todo o mundo em tempo real. No ano em que se escreve *Depois do Futuro* (2019), já pode situar a *Apple* como mais uma utopia que se realizou de forma irônica, e está no outro braço dessa bifurcação.

Ainda após a morte do futuro, Berardi (2019) considera a internet como a última utopia do século XX. Ela que foi pensada nos anos 1970, toma forma nos anos 1980 e é implementada nos anos 1990, foi guardiã das últimas esperanças de liberdade enquanto prometida conectar partes distantes do mundo, compartilhando informação, conhecimento e saberes em tempo real e se converte num poderoso meio de obter informações para produzir riqueza e controlar o consumo e o comportamento das pessoas, chegando a determinar resultado de eleições. A promessa de uma sociedade conectada se realiza ironicamente numa sociedade onde a *infodata* serve as grandes corporações para obter mais lucro e alimentar o capital.

Considerações finais

Enquanto que a geração *hippie* criticava a esteira de montagem da produção fordista, e a vida ordeira de um trabalhador de fábrica, a *internet* trouxe também essa promessa de *flexibilizar* o trabalho, com supostas facilidades como o “trabalho em casa”. As pautas legítimas de uma geração foram capturadas e distorcidas pra servirem de argumento para novas formas de exploração, agora feita através da internet. As diversas plataformas de serviço de entregas, motoristas particulares por aplicativos, embora disponham de maior tecnologia, não representam grandes ganhos em direitos para os trabalhadores.

O *ciberespaço*, este lugar virtual que compreende a rede, é infinito e ilimitado, e sua expansão vai de acordo com os avanços tecnológicos. Porém, há o aviso: nosso *cibertempo*, ou seja, nosso tempo disponível para consumir as informações do *ciberespaço*, é limitado por nosso tempo de vida. Por isso, nosso tempo de atenção nas redes passa a ser alvo de disputa das grandes corporações também. As constantes revoluções do progresso tecnológico levaram a sociedade a viver de uma forma acelerada a tal ponto que uma simples espera numa fila de banco ou supermercado, pode ser preenchida por uma fração de tempo nas redes sociais.

Vivemos em tempos acelerados, mas em direção ao quê?! Uma das frases marcantes do programa de humor criado pelo Chespirito, *O chapolín colorado* era “E agora, quem poderá nos defender?!” e o *Chapolín* surgia com uma coragem indubitável, embora não tiver nenhum poder especial. Talvez a esquerda tradicional já não tenha mais o poder especial que teve no século XX, e talvez ela não possa mais nos defender, há de se travar uma batalha pela construção de novos horizontes, que dê conta da multiplicidade dos sujeitos que a partir da prática e da luta, se tornem revolucionários.

REFERÊNCIAS

LIVROS, CAPÍTULOS E TRADUÇÕES

ALTAMIRA, César. **Os marxismos do novo século**. Tradução de Leonora Corsini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

ANDERSON, Perry. **Considerações sobre o marxismo ocidental; Nas trilhas do materialismo histórico**. Tradução de Fábio Fernandes. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

BERARDI, Franco. **Asfixia: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem**. São Paulo: Ubu, 2020.

BERARDI, Franco. **Depois do futuro**. Tradução de Regina Silva. São Paulo: Ubu, 2019.

BERARDI, Franco. **Futurability: the age of impotence and the horizon of possibility**. Londres: Verso, 2017.

BERARDI, Franco. **Heroes: mass murder and suicide**. Londres: Verso, 2015. Edição do Kindle.

BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos: estudo sobre o caráter sobrenatural atribuído ao poder real, particularmente em França e Inglaterra.** Tradução de Júlia Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

KANT, Immanuel. **Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** v. 1. Lisboa: Edições 70, 2000.

MARAZZI, Christian. **O lugar das meias: a virada linguística da economia e seus efeitos sobre a política.** Tradução de Paulo Domenech Oneto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MARX, Karl. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política.** Tradução de Mario Duayer et al. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

TARÌ, Marcello. **Um piano nas barricadas: por uma história da Autonomia, Itália 1970.** Tradução de Edições Antipáticas. São Paulo: n-1 edições, 2019.

TRAVERSO, Enzo. **As novas faces do fascismo**. Tradução de Mônica Fernandes; Rafael Mello; Raphael Lana Seabra. Belo Horizonte: Âyiné, 2021.

TRAVERSO, Enzo. **Left-wing melancholia: Marxism, history, and memory**. New York: Columbia University Press, 2016.

TRONTI, Mario. **Lenin on England**. In: TRONTI, Mario. *Operai e Capitale*. Turin: Einaudi, 1966. p. 89-95.

VIRNO, Paolo. **Virtuosismo e revolução**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

ARTIGOS DE PERIÓDICOS E JORNAIS

BERARDI, Franco. **Accelerationism Questioned from the Point of View of the Body**. e-flux journal, n. 46, jun. 2013. Disponível em: <https://www.e-flux.com/journal/46/60080/accelerationism-questioned-from-the-point-of-view-of-the-body/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

FISHER, Mark. **Uma revolução social e psíquica de magnitude quase inconcebível: os interrompidos sonhos aceleracionistas da cultura popular**. Outras Palavras, jun. 2013. Disponível em: <https://outraspalavras.net/pos-capitalismo/um-olhar-sobre-o-aceleracionismo/>. Acesso em: 19 set. 2025.

MEZZADRA, Sandro. **Italy, operaism and post-operaism**. In: NESS, Immanuel (Ed.). International encyclopedia of revolution and protest. Tradução de Bruno Cava. Oxford: Blackwell, 2009.

MATÉRIAS JORNALÍSTICAS, SITES E REPORTAGENS

ANDRADE, Hanrrikson. **Bolsonaro reage após polêmica da 'farofa' e diz que não 'busca ser povão'**. UOL Notícias, 2 fev. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/02/02/bolsonaro-reage-apos-polemica-da-farofa-e-diz-que-nao-busca-ser-povao.htm>. Acesso em: 16 set. 2025.

Assista a principais trechos de vídeo em que Bolsonaro ataca Globo e Witzel e fala sobre Marielle. Folha de S.Paulo, 30 out. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/assista-principais-trechos-de-video-em-que-bolsonaro-ataca-globo-e-witzel-e-fala-sobre-marielle.shtml>. Acesso em: 16 set. 2025.

BERARDI, Franco. **Del fascismo futurismo futurista al geronto-fascismo**. Lobo Suelto, ago. 2022. Disponível em: <https://lobosuelto.com/del-fascismo-futurismo-futurista-al-geronto-fascismo-franco-bifo-berardi/>. Acesso em: 16 set. 2025.

BERARDI, Franco. **O abismo raivoso do gerontofascismo**. Outras Palavras, out. 2022. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/bifo-o-abismo-raivoso-do-gerontofascismo/>. Acesso em: 16 set. 2025.

BERARDI, Franco. **O novo rosto do fascismo**. IHU Online, maio 2021. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/609027-o-novo-rosto-do-fascismo-artigo-de-franco-bifo-berardi>. Acesso em: 16 set. 2025.

BITTENCOURT, Julinho. **VÍDEO: Javier Milei, o Bolsonaro argentino, não quer um Estado enxuto, mas sim o fim dele**. Revista Fórum, 14 ago. 2023. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/2023/8/14/video-javier-milei-bolsonaro-argentino-no-quer-um-estado-enxuto-mas-sim-fim-dele-142207.html>. Acesso em: 16 set. 2025.

Bolsonaro ameaça jornalista: '**Minha vontade é encher tua boca na porrada**'. G1, 23 ago. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/08/23/bolsonaro-ameaca-jornalista-minha-vontade-e-enchere-tua-boca-na-porrada.ghtml>. Acesso em: 16 set. 2025.

Bolsonaro aparece comendo pão com leite condensado. Jornal de Brasília, 28 jan. 2023. Disponível em: <https://jornaldebrasilia.com.br/noticias/politica-e-poder/bolsonaro-aparece-comendo-pao-com-leite-condensado/>. Acesso em: 16 set. 2025.

FRANCO, Bernardo Mello. **Trump transformou em espetáculo atentado que quase o matou**. O Globo, 21 ago. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/bernardo-mello-franco/coluna/2024/07/trump-transformou-em-espetaculo-atentado-que-quase-o-matou.ghtml>. Acesso em: 16 set. 2025.

Maquiador da convenção republicana explica como disfarçar bronzeado artificial de Trump. O Globo, 23 jul. 2016. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/ela/beleza/maquiador-da-convencao-republicana-explica-como-disfarcar-bronzeado-artificial-de-trump-19772451>. Acesso em: 16 set. 2025.

The Cambridge Analytica Files. The Guardian, UK. Disponível em:
<https://www.theguardian.com/news/series/cambridge-analytica-files>. Acesso em: 16 set. 2025.

Trump é condenado por fraude ao comprar silêncio de atriz pornô; pena sai em julho. G1, 30 jun. 2024. Disponível em:
<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/05/30/trump-e-considerado-culpado-julgamento.ghtml>. Acesso em: 16 set. 2025.